



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

DAPHINE ROLIM VELOSO

REFLEXOS DAS EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE MATERNA

SALVADOR - BA

2025

DAPHINE ROLIM VELOSO

**REFLEXOS DAS EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE MATERNA**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Professora Dra. Ana Maria Fernandes Pitta

Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade

SALVADOR – BA

2025

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

V443 Veloso, Daphine Rolim

Reflexos das experiências geracionais na construção da identidade materna/ Daphine Rolim Veloso. – Salvador, 2025.
66f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Contextos Familiares
e Subjetividade

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Fernandes Pitta.

1. Maternidade 2. Identidade Materna 3. Intergeracionalidade
4. Maternidade Sociocultural I. Pitta, Ana Maria Fernandes – Orientadora
II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-
Graduação. III. Título.

CDU 316.356.2-055.26

TERMO DE APROVAÇÃO

DAPHINE ROLIM VELOSO

“REFLEXOS DAS EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS E NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MATERNA”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (a) em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 27 de março de 2025.

Banca Examinadora:

gov.br


Documento assinado digitalmente

ANA MARIA FERNANDES PITTA

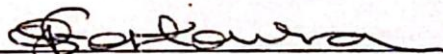
Data: 04/04/2025 15:52:19-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Ana Maria Fernandes Pitta (Orientadora - UCSAL)



Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich (Examinadora Interna - UCSAL)



Profa. Dra. Clarissa Santos Fontoura (Examinadora Externa - UNINASSAU)

Das lembranças que trago no peito sobre o amor que já recebi, as que tenho acerca minha avó materna e as de minha mãe são as mais bonitas.

Ao pensar em minha avó Lucinete, as memórias que surgem são como uma brisa delicada e constante, acariciando o meu coração.

Com muito zelo, desde minha infância fazia a comida da minha preferência e era um abraço acolhedor em cada prato. Quando eu gestava meu filho, soube da minha dificuldade em comer por conta da hiperêmese e com muita ternura, - e sem que eu soubesse -, ela retornou à cozinha – mesmo adoecida por algumas afecções relativas à idade -, para preparar algumas almôndegas (sempre soube das minhas predileções). Aquela comida tinha gosto de amor, foi um alimento para a alma. Minha avó sempre foi uma mulher forte e corajosa, cuidou de seus cinco filhos, nove netos e três bisnetos com muita dedicação. Lembro das vezes que a vi se preocupando com meu bebê, quando ela que mais necessitava de cuidados. A fantasia que carrego ao olhar para o mundo, tem muito a ver com as histórias de “Trancoso” que ouvia de sua boca. Junto a uma roda de parentes e conhecidos sentávamos ao chão para ouvi-la. Até hoje quero um vestido mais bonito que o céu todo estrelado, igual ao da personagem Água de Arriá. Cada vez que repetia esse momento de contação de histórias, elementos novos eram adicionados ao enredo que conhecíamos de outra forma, provando a grandeza de sua criatividade. Minha avó não teve escolarização formal, como eu pude ter, algo comum para as mulheres da sua terra, as oportunidades eram escassas, porém sempre teve o hábito da leitura. Todos os dias podíamos vê-la lendo algum livro, especialmente uma bíblia com gravuras, às vezes acreditava com profundo afinco que os elementos que apareciam em histórias bíblicas eram iguais aos desenhos – a exemplo da manta de José do Egito, em que descrevia com uma riqueza de detalhes as partes e as cores do tecido. Com esse relato, quero honrar as oportunidades que tenho, pois sei que esse é um desejo seu. Sua

inteligência é de arrancar admiração. Carrega consigo a sabedoria de quem compreende o mundo e a existência. A sua imagem está atrelada a um lugar: o interior do Ceará, às vezes fico tentando imaginar como foi sua infância correndo com seus muitos irmãos pelos prados verdes, nadando pelas águas cristalinas e com belas esculturas das pedras feitas pelas ramificações do Rio Salgado. Imagino quais os sonhos carregava no peito e que talvez tenham ficado na malha do tempo, que segredos ou tristezas guarda para si, qual a sua maior realização ou ainda que lugares gostaria de ter conhecido... de uma coisa eu sei, um dia uma parte de mim esteve dentro dela, enquanto gerava o corpinho de minha mãe, hoje muito dela está em mim, seu carinho, afeto e força nunca irão se apagar. Vó, eu sou seu fruto e tenho muito orgulho de carregar as marcas e as memórias de quem a senhora é. Eu te amo. Obrigada por tudo. Quero sempre caminhar carregando o toque do seu amor de avó materna.

Minha mãe querida, a senhora é o mais perfeito exemplo do amor de Deus.

Em minhas recordações mais repletas de afeto, sua presença está. Mesmo que não estivesse fisicamente, seu amor sempre me acompanhou.

Eu recebi uma grande dádiva e a guardo em cada partícula de minha existência: ser sua filha.

Uma lembrança que tenho forte de minha mãe é a de que as coisas pareciam sempre ter solução, nunca percebi que ela mediu algum esforço para que minha irmã e eu – e agora meu Yohan – tivéssemos uma boa educação e qualidade de vida. Quando eu chorei, ainda bebê (não lembro de forma consciente), eu sei que ela estava lá, ela não me deixou chorar sozinha, ela sabia que eu estava me comunicando e não ignorou. Talvez estivesse assustada (provavelmente) com o desafio que é cuidar de uma criança, exausta da rotina que não é nada fácil ou com medo do desconhecido de cuidar de um primeiro filho, mas

com coragem enfrentou cada obstáculo. Eu sei que foi assim, pois a sua vida exala o seu amor por mim. Minha mãe criou oportunidades para nós, apostou em uma educação respeitosa em que nossos sentimentos foram validados. Perdi as contas de quantas vezes, agora não mais não mais na condição de bebê em que ela estava lá (sempre esteve), para acolher cada lágrima. Hoje me considero alguém que consegue reconhecer sentimentos, bem como tento conduzir com cuidado os sentimentos de outros através de meu ofício na Psicologia, e foi minha mãe que colaborou para isso, por meio do chão seguro que pisei em minha infância. Meu avô costuma dizer que minha mãe é muito parecida com minha avó, e pelas fotos é possível notar a semelhança, mas a similaridade não é apenas física, minha mãe é muito inteligente, se existe uma média, com certeza ela está bem acima. Considero que ela domina – em analogia ao relato bíblico de Moisés que dominava toda a ciência do Egito – toda a ciência de sua época. Múltiplas inteligências, como minha avó. Algo que aprendi com ela é que podemos mudar de caminhos, traçar novas rotas e isso não quer dizer que o que foi caminhado está perdido. Refiro-me especificamente ao meu percurso acadêmico/profissional, sempre tive o apoio em escolher algo que me trouxesse alegria, mas eu tinha certeza de que se aquilo não fizesse mais sentido, eu poderia recomeçar com todo o seu apoio. Minha mãe reflete a beleza do acolhimento, do amor, da dedicação e do altruísmo. Desde que me “entendo por gente” vejo minha mãe lutando pelos direitos de pessoas que não podem ou não conseguem lutar por si e mesmo com as dificuldades e até críticas, continua caminhando pelo que acredita.

Crendo firmemente no Sermão do monte proferido por Jesus, minha mãe é uma bem-aventurada.

Eu não seria quem eu sou sem o seu amor, minha mãe. Eu te amo com todo o meu ser.

Obrigada por tanto amor, que agora se repagina em sua função de avó.

Hoje eu sou a mãe, assumo com muita honra essa tão maravilhosa atribuição. Todo amor de vocês está enraizado na minha vida. Atualmente entendo muitas palavras e o porquê de tanto cuidado. O amor que se manifesta em atos (mesmo depois de um dia extremamente cansativo), dizer que não quer uma comida só para que eu pudesse comer um pouco mais, são apenas alguns dos muitos exemplos que eu poderia dar. Quero ser sempre para o meu filho o ramo do cuidado que se nutre em vocês. Sei que minha jornada será repleta das lâmpadas e dos muitos lembretes de carinho que vocês espalharam pelo caminho. Isso fará toda a diferença.

Ao meu filho: Obrigada por me transformar e ser a minha luz. Amo muito você meu bebê. Que você guarde em sua memória a bondade e a justiça que vem de nossas raízes.

A vocês dedico este trabalho.

Hoje eu caíbo nesse mesmo corpo que já coube

Na minha mãe

Minha mãe

Minha avó

E antes delas minha tataravó

E antes delas um milhão de gerações distantes

Dentro de mim

(Arnaldo Antunes)

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder a dádiva de viver em uma família acolhedora.

À minha mãe, principal referência para realização deste trabalho. A senhora é exemplo de cuidado, amor e dedicação. Amo-a profundamente.

À minha irmã, parceira de uma vida. Obrigada pelo auxílio e acolhimento de sempre.

Às minhas tias, sempre demonstrando amor por mim nos mínimos detalhes.

À minha avó materna, sou reflexo da sua criação.

Ao meu filho, minha luz, minha herança e benção do Senhor.

Ao meu esposo, que Deus o abençoe. Obrigada pelo companheirismo e pela paciência de sempre.

Sou grata pela oportunidade de participar do Programa de Pós- Graduação em Família na Sociedade Contemporânea na UCSal, um programa caloroso, respeitoso que me fez ser alguém melhor, especialmente pelo acolhimento que recebi dos professores. Sem dúvidas, foi a melhor escolha que eu poderia ter feito em relação a um PPG.

À minha orientadora, Ana Pitta, uma pessoa de coração generoso, sempre solícita e gentil em suas orientações, muito obrigada por caminhar ao meu lado, sua companhia tornou a travessia ainda mais agradável.

Agradeço de maneira muito especial à professora Elaine, me acompanhou em diversas disciplinas e sempre demonstrou apoio genuíno. Obrigada por me iniciar no mundo da pesquisa qualitativa. Serei sempre grata por sua generosidade e por compartilhar seus conhecimentos.

À professora Clarissa Fontoura, que gentilmente aceitou participar de minha banca de qualificação, e abriu uma clareira sobre a temática, meu muito obrigada.

E às queridas mães entrevistadas, que com muita prestatividade me receberam em suas casas para que eu pudesse trilhar pelos caminhos do presente estudo.

Veloso, Daphine Rolim. **Reflexos das experiências geracionais na construção da identidade materna**. 2025. 66 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2025.

RESUMO

A identidade materna está vinculada a um processo que envolve estabelecimento de crenças, valores e vivências. Este processo está relacionado às experiências de gerações anteriores. Diante desse aspecto, a presente dissertação de mestrado tem por objetivo principal verificar se existe repercussão na forma de maternar a partir do conceito de ser mãe entre as gerações familiares. O estudo é de caráter qualitativo. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador. Foram entrevistadas 7 mulheres que fossem mães do primeiro filho com até dois anos de idade, incluindo gestantes. As mães residem na cidade de Santa Inês no estado do Maranhão. As participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e posteriormente passaram para a fase da entrevista, em local escolhido por cada uma delas. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista com perguntas abertas sobre a temática. As respostas foram gravadas e transcritas para posterior análise. O início da análise dos dados ocorreu por meio da criação de oito categorias, a saber: Sentidos atribuídos à maternidade; Olhares das filhas: compreendendo a maternidade sob a perspectiva de suas mães; Valores e ideias que atravessam as gerações; Diferenças intergeracionais (influências culturais, sociais e econômicas); Implicações profissionais; Multiplicidade de sentimentos na construção da maternidade; Maternidade: ajustes criativos ao fluxo da vida e Maternidade como esperança e recomeço. Foi identificado uma convergência em relação ao sentido atribuído para a maternidade, que via de regra tem relação com responsabilidade, cuidado, renúncia e formação de caráter. Uma mãe descreve a maternidade como um recomeço diante das questões psicológicas que enfrentava. As mães se percebem pontos centrais no processo de educação e socialização dessas crianças. De acordo com a pesquisa, algumas mães relatam uma visão de mundo influenciada pela criação que receberam, revelando uma aproximação em relação a valores e crenças, outras, apesar de considerarem as ideias que passaram por gerações de sua família, demonstram um certo afastamento em relação ao que desejam para a criação de seus próprios filhos. Fica implícita a necessidade de autonomia e responsabilização por suas próprias atitudes. Conclui-se com esse estudo que existe uma repercussão na forma de maternar, que as memórias e a transmissão intergeracionais estão carregadas de afeto, cuidado e respeito. A maternidade é um processo que requer rede de apoio, para a saúde e bem-estar tanto da nova mãe quanto do bebê. Como agenda de pesquisa, sugere-se a ampliação do estudo para mães de diferentes classes socioeconômicas, em caráter comparativo.

Palavras-chave: maternidade; identidade materna; intergeracionalidade; maternidade sociocultural

Veloso, Daphine Rolim. **Reflections of generational experiences in the construction of maternal identity**. 2025. 66 f. Master's Thesis – Graduate Program in Family in Contemporary Society, Catholic University of Salvador, Salvador, 2025.

ABSTRACT

The maternal identity is linked to a process that involves the establishment of beliefs, values, and experiences. This process is related to the experiences of previous generations. Given this aspect, the main objective of this master's thesis is to verify whether there is any impact on the way of mothering based on the concept of being a mother across family generations. The study is qualitative in nature. It was approved by the Research Ethics Committee of the Catholic University of Salvador. Seven women were interviewed, all mothers of their first child, who was up to two years old, including pregnant women. The mothers reside in the city of Santa Inês, in the state of Maranhão. The participants signed the informed consent form and then moved on to the interview phase, which took place in a location chosen by each of them. Data collection occurred through interviews with open-ended questions on the topic. The responses were recorded and transcribed for later analysis. The data analysis began by creating eight categories: Meanings attributed to motherhood; Daughters' perspectives: understanding motherhood from the viewpoint of their mothers; Values and ideas passed through generations; Intergenerational differences (cultural, social, and economic influences); Professional implications; A variety of emotions in the construction of motherhood; Motherhood: creative adjustments to the flow of life; and Motherhood as hope and renewal. A convergence was identified regarding the meaning attributed to motherhood, which, as a rule, relates to responsibility, care, self-sacrifice, and character formation. One mother described motherhood as a new beginning in light of the psychological issues she was facing. The mothers see themselves as central figures in the education and socialization process of their children. According to the research, some mothers report a worldview influenced by the upbringing they received, revealing a closeness to the values and beliefs passed down, while others, although they consider the ideas passed through their family generations, show some distance from what they wish for their own children's upbringing. The need for autonomy and accountability for their actions is implicitly expressed. The study concludes that there is an impact on the way of mothering, and that memories and intergenerational transmission are filled with affection, care, and respect. Motherhood is a process that requires a support network for the health and well-being of both the new mother and the baby. As a research agenda, it is suggested that the study be expanded to include mothers from different socioeconomic backgrounds, in a comparative manner.

Keywords: motherhood; maternal identity; intergenerationality; sociocultural motherhood

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 – Dados sociodemográficos das entrevistadas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	MARCO TEÓRICO	17
	2.1 Família e maternidade: aspectos históricos e psicológicos	17
	2.2 Contribuições da Gestalt-terapia sobre o aspecto da transmissão e aprendizagem de valores em famílias e sistemas íntimos	23
	2.2.1 Noção de campo	23
	2.2.2 Fronteiras de contato em famílias	24
	2.2.3 Bloqueios de contato	25
	2.2.3.1 Introjeção	25
	2.2.3.2 Projeção	27
	2.2.3.3 Confluência	27
	2.2.4 Noção de figura-fundo e sua relação com a maternidade	28
	2.2.5 Ajustamentos criativos e a maternidade	28
3	ABORDAGEM METODOLÓGICA	30
	3.1 Delineamento	30
	3.2 Instrumentos, informantes e local da pesquisa	31
	3.3 Registro e análise de dados	31
	3.4 Procedimentos éticos	32
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
	4.1 Dados sociodemográficos	34
	4.2 Categorias de análise	35
	4.2.1 Sentidos atribuídos à maternidade	35
	4.2.2 Olhares das filhas: compreendendo a maternidade sob a perspectiva de suas mães	38
	4.2.3 Valores e ideias que atravessam gerações	40

4.2.4	Diferenças intergeracionais (influências culturais, sociais e econômicas)	43
		46
4.2.5	Implicações para o exercício profissional	47
4.2.6	Multiplicidade de sentimentos na construção da maternidade	49
4.2.7	Maternidade: ajustes criativos ao fluxo da vida	50
4.2.8	Maternidade como esperança e recomeço	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICES	57
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	58
	APÊNDICE B – FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	60
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	61
	ANEXO	62
	ANEXO A – PARECER DO CEP	63

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Chapadeiro, Andrade e Araújo (2011) é difícil para qualquer pessoa delimitar o significado de família, muitas vezes a resposta não é bem definida.

O termo família vem do latim *famulus* (que significa criado ou servidor). Inicialmente referia-se a um conjunto de empregados de um senhor, com o tempo passou a designar pessoas morando sob o mesmo teto, ligadas por laços de sangue e com autoridade de um chefe comum. Atualmente o termo também está relacionado a pessoas unidas por laços de parentesco, linhagem, ascendência, sangue ou adoção. (Chapadeiro, Andrade e Araújo, 2011).

O conceito de família se modifica com o tempo e se adapta aos aspectos culturais. No entanto, independente da conceituação formal ou do aspecto etimológico, alguns elementos ao longo dos anos identificam a entidade familiar: espaço de apoio à sobrevivência dos membros; espaço em que ocorrem extremos como nascimento, morte, vivência de emoções e afetos; espaço de conflito e negociação; espaço de disponibilização de aporte afetivo; espaço de educação informal e de apoio à educação formal. A família é uma referência abstrata para a organização das finalidades socialmente importantes. (Chapadeiro, Andrade e Araújo, 2011).

A família é o primeiro contexto de socialização, educação e estabelecimento de condutas em que o sujeito está inserido. As experiências vivenciadas na instituição familiar são parte do alicerce para a construção dos conceitos que se consolidam ao longo da vida. Desse modo, considerar a história de vida de uma pessoa conduz à melhor compreensão de sua forma de pensar e agir. (Baptista, Cardoso e Gomes, 2012).

O processo pelo qual se vincula o estudo de transmissão de valores, modelos de conduta, crenças e sentimentos é chamado de transgeracionalidade, intergeracionalidade ou transmissão intergeracional. Nesses modelos, parte-se do pressuposto de que as influências familiares não estão restritas ao contexto familiar próximo, mas atravessa gerações. (Baptista, Cardoso e Gomes, 2012).

De acordo com Bastos *et al* (2020) são necessários estudos que confrontem a experiência de diferentes gerações em relação a eventos da vida. Segundo os autores anteriormente mencionados, falar sobre geração é mais do que considerar a posição na estrutura familiar, é também se interessar por mudanças sociais e experiências vividas coletivamente em uma memória coletiva.

Dentre as experiências comuns às mulheres que se tornam mães, uma bem marcante é a do parto. Para Mutti (2020) os significados coletivos e pessoais (do parir)

são articulados, o que sugere uma variedade de formas de sentir e de expressar a dor do parto, o que está vinculado a tradições familiares, crenças religiosas e populares e às novas tecnologias. Em sua pesquisa “A dor do parto: posicionamentos e significados” do ano de 2020, discute que existe um significado compartilhado entre as mulheres, o que sugere uma continuidade com a tradição familiar. (Mutti, 2020).

Refletir sobre o conceito de ser mãe passa por essa relação, pois a maternidade é construída e envolve suporte, segurança e vinculação (Leal e Figueredo, 2020). Para Cunha, Santos e Gonçalves (2012) o processo de construção da maternidade inicia-se em etapas anteriores à gestação e prolonga-se após o nascimento.

Maternar não é algo simples, diversos aspectos físicos, sociais, culturais e psicológicos estão implicados nesse processo. A mulher assume uma nova faceta em sua identidade: a materna, que inclui significativas mudanças e adaptações, inclusive no que diz respeito à sua saúde psicológica. É fundamental que essas questões não sejam inviabilizadas ou invalidadas, até mesmo por familiares.

Diante disso, emerge a necessidade de realizar estudos acerca das influências de conceitos e valores do que é ser mãe entre as gerações familiares e de qual a implicação dessas crenças na forma de maternar e na saúde mental dessas mulheres.

Nesse período emoções tornam-se cada vez mais presentes, reafirmação de crenças e concepções, caracterizando essa nova etapa na vida da mãe. Para Borges (2020) “as conversas de mulheres”, as trocas intergeracionais femininas, são conhecimentos passados que se constituem em importante instrumento de construção cultural.

Esta dissertação será apresentada da seguinte forma:

- a) Marco teórico dividido em 14 tópicos: Família, memória e transmissão; Aspectos relativos à maternidade pelo viés sociocultural; A construção da identidade materna a partir da ideia de crise; Maternidade sob a perspectiva da intergeracionalidade; A relação entre saúde mental materna, a interação mãe/bebê, a importância da rede de apoio e o desenvolvimento infantil.; Contribuições da Gestalt-terapia sobre o aspecto da transmissão e aprendizagem de valores em famílias e sistemas íntimos; Noção de campo; Fronteiras de contato em famílias; Bloqueios de contato; Introjeção; Projeção; Confluência; Noção de figura-fundo e sua relação com a maternidade; Ajustamentos criativos e a maternidade. Com esses tópicos, a maternidade é situada no contexto histórico-cultural, demonstrando as mudanças, diferenças e aproximações ao longo dos séculos, bem como a ideia de amor materno. São mencionadas as diversas

mudanças no processo da construção da identidade materna, assim como sua influência para a saúde e bem-estar mental da mãe e do bebê.

- b) Descrição da metodologia escolhida: pesquisa de natureza qualitativa, utilizando o procedimento estudo de campo. As mães foram escolhidas através do método bola de neve e responderam a uma entrevistas com perguntas semiestruturadas relacionadas à temática. A análise dos dados ocorreu por meio do método de interpretação dos sentidos (Minayo, 2002; Ayres, 2005).
- c) Na análise e discussão dos dados são mencionados trechos das entrevistas e a sua análise à luz da teoria da Gestalt.
- d) Por fim, nas considerações finais, uma síntese dos principais achados, seguida de uma reflexão crítica com contribuições para o conhecimento sobre a temática da maternidade em relação com a intergeracionalidade, bem como uma proposta para pesquisas futuras.

Quanto ao objetivo geral, se configura a compreensão relativa a: verificar se existe repercussão na forma de maternar a partir da transmissão do conceito “ser mãe” entre as gerações familiares.

A fim de alcançar esse, objetivos específicos foram traçados, a saber:

- Identificar as percepções e sentimentos do ser mãe;
- Analisar como se dá a transmissão de valores geracionais;
- Verificar se existem e quais as crenças relativas ao processo de maternidade que foram transmitidos entre as gerações;
- Avaliar se as crenças trazem benefícios e/ ou sofrimento ao processo de ser mãe.

2 MARCO TEÓRICO

2.1.Família e maternidade: aspectos históricos e psicológicos

Pensar em família é contemplar a imensa herança de valores, ideias, sentimentos e padrões de comportamentos que permeiam a experiência de viver em sistemas íntimos. Para Guardini (1957/992) *apud* Fornasier (2018, p.103) a memória verdadeira não é aquela que, ao olhar em retrospectiva as etapas da vida transcorridas e evocá-las à mente, simplesmente empreende uma observação dos acontecimentos passados, mas aquela que coloca tudo isso em relação com o próprio ser, com a própria vida e, portanto, com a realização ou fracasso da existência.

Essa vivência é, portanto, um reflexo do que já passou, mas que permanece, pois é o próprio alicerce para o princípio da constituição da subjetividade. Desse modo, pensar em ambiente familiar é levar em conta não apenas reflexos ou sombras de eventos passados, mas uma construção, que é dinâmica e permanente na existência de todos que o compõem. É um encontro profundo entre o presente e o passado. Revela a poesia do que é transmitido e o reencontro com alguns passos que já foram dados, em uma outra época, e por outras pessoas. Refletir sobre essa jornada familiar é vislumbrar portas para o entendimento de quem se é.

As temáticas maternidade e família estão entrelaçadas. A mãe é uma figura transformadora, recebe esse desafio que envolve uma teia de sentimentos que podem ir desde a alegria por saber que gera um novo ser ao receio pelo que pode ser percorrido nesse novo papel social. As histórias da família são plantadas, como semente, na vida daqueles que dela dependem.

Assim, ao se considerar o termo parir não se diz apenas do nascimento biológico de uma criança, mas de um novo ciclo, de mudanças, de um redirecionamento de olhar sobre a vida que carrega as raízes de cada geração que antecede esse novo momento.

Ao pensar sobre maternidade deve-se ter em vista que essa mãe é também uma mulher. De acordo com Badinter (1980) a mulher é um ser dotado de aspirações próprias que por vezes não tem a ver com as do filho. Desse modo, esses anseios devem ser levados em consideração.

Ao olhar para anos anteriores é possível considerar alguns eventos importantes sobre a temática da construção sociocultural da maternidade. Maldonado (2017) afirma que no decorrer de muitos séculos ser fecunda era considerada uma benção divina enquanto a infertilidade era vista como castigo.

Ainda nesse contexto, em alguns séculos, como no século XVI em face da peste, a procriação foi imperiosa. Segundo a autora supramencionada, antes do século XVIII, dada a mortalidade infantil havia uma certa conduta indiferente materna – se a mãe se ligasse profundamente aos bebês, havia a possibilidade de sofrer muito, pois poderia perdê-los bem cedo. (Maldonado, 2017)

A partir do século XVIII foi dada ênfase à transmissão de valores e a presença materna tornou-se fundamental, é também no final desse século que há uma exaltação do amor materno através do discurso filosófico, médico e político. Já no século XIX a fecundação foi explicada pela ciência e é nesse período que a maternidade, outrora considerada função biológica, assume status de função social. (Maldonado, 2017)

Badinter (2011) afirma que no final dos anos 1970 as mulheres aspiram a conquista de direitos, dentre esses, a liberdade e a igualdade, bem como anseiam por meios de controlar a reprodução, segundo a autora, são abertas para elas uma diversidade de modos de contracepção. Nesse ínterim, houve acréscimo de deveres, por outro lado abriu-se espaço para discussão de noções de destino e necessidade natural, que se intensificam na atualidade.

Ao retomar o percurso de construção das significações de maternidade, é possível relacionar com o processo geracional, a saber, como esses conceitos são fruto da época em que se constroem. De acordo com o psicólogo Bowlby (1990), as pessoas internalizam experiências e valores na forma de modelos de relacionamento e esses modelos são resistentes à mudança.

Em relação ao nascimento, muitos aspectos mudaram, no entanto, refletem sempre os valores culturais.

Uma mulher maia em Yucatan dá à luz na rede na qual dorme todas as noites; tanto o futuro pai quanto a parteira devem estar presentes. Para afugentar maus espíritos, a mãe e a criança permanecem em casa por uma semana. Em contraste, entre os ngoní no Leste da África, os homens são excluídos da experiência do nascimento. E no interior da Tailândia, uma nova mãe geralmente retoma as atividades normais poucas horas depois de dar à luz. Ainda que as diferenças culturais em relação ao nascimento sejam muitas, também podem ser vistas ao longo do tempo em muitos países à que o parto e o nascimento tornaram-se cada vez mais medicalizados e foram transferidos do lar para ambientes hospitalares. [...] Na França, nos séculos XVII e XVIII, uma mulher tinha 10% de chance de morrer durante ou logo após dar à luz. Milhares de bebês eram natimortos, e 25% morriam durante o primeiro ano de vida. No fim do século XIX, na Inglaterra e no País de Gales, uma gestante tinha quase 50 vezes mais chances de morrer no parto do que uma mulher que dá à luz hoje. (Martorell, 2014, p.82)

O trecho apresentado evidencia que cada cultura possui suas próprias crenças ou valores para receberem uma nova vida. Seja com a presença de rituais, envolvendo a comunidade, ou ainda de forma isolada. O fragmento aponta também para a presença de elevadas taxas de mortalidade, o que se dava especialmente às condições críticas de saúde, ausência de medicalização ou de conhecimentos sobre processos de assepsia. Martorell (2014) aponta que as reduções drásticas nos riscos relativos à perinatalidade devem-se à disponibilidade de antibióticos, transfusões de sangue, anestesia, melhoras na higiene, avaliações e assistência pré-natais com qualidade aumentadas.

No entanto, apesar das melhorias, o nascimento não é livre de riscos externos e há muito o que ser feito em termos de cuidados à mãe e ao bebê, especialmente no que tange ao atendimento humanizado, respeito ao nascimento, e a superação da violência obstétrica em contramão a um sistema que historicamente negligenciou o bem-estar das mulheres durante o parto.

Dentro desse contexto, é importante considerar as transformações e ajustamentos necessários ao processo de maternar.

Nada confere mais sentido do que mudar de sentido. [...] Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado. Só existe chão em uma piscina, território para pedestres em massa. Parta, mergulhe. [...] A verdadeira passagem ocorre no meio. Qualquer sentido que o nado tome, o solo jaz a dezenas ou centenas de metros sob o ventre ou a quilômetros atrás e na frente. Eis o nadador sozinho. Deve atravessar, para aprender a solidão. [...] Mas, no meio da travessia, mesmo o solo lhe falta, acabam os domínios. Então o corpo voa e esquece o que é sólido, não mais na expectativa das descobertas estáveis, mas como instalando-se para sempre em sua vida estrangeira: braços e pernas entram numa fraca e fluida portância, a pele se adapta ao ambiente turbulento, para a vertigem da cabeça porque doravante ela só pode contar com seu próprio suporte, sob pena de afogar-se, ganha confiança na braçada lenta. (Serres, 1993, p.11)

Transformação profunda, jornada de amadurecimento pessoal ou aspecto de mudança de perspectiva em direção ao desconhecido e imprevisível. Por vezes, a travessia é solitária e representa um processo de enfrentamento, inclusive das próprias limitações, o processo requer tempo e disposição, assim como na metáfora acima, mas é uma oportunidade para desenvolver confiança nos recursos que a pessoa possui, ainda que não se dê conta de início.

Os acontecimentos relativos à perinatalidade ocorrem em diversos níveis. Para Borges (2020) a transição para a maternidade envolve a reestruturação da identidade da mulher, instaurando descontinuidades, já que há mudanças frente ao engajamento em

responsabilidades demandadas pela maternidade. Essas transformações incluem modificações nos padrões psicológicos.

De acordo com Maldonado (2017) o desenvolvimento psicológico se prolonga muito além da adolescência é um contínuo marcado por períodos denominados de crises, decisivas no processo de crescimento pessoal, e que determinam o estado de crescimento pessoal. Segundo Borges (2020), os papéis assumidos por essa mulher passam por reorganização, bem como os seus relacionamentos interpessoais.

Ao nascer o primeiro filho tanto homem quanto mulher são inscritos no mundo da parentalidade. Para Borges (2020) alguns eventos e transições da vida podem desafiar a habilidade de dar sentido à própria existência.

A maternidade tem o poder de desafiar profundamente a forma como as mulheres compreendem a existência e a identidade. Esse processo pode ser traumático ou transformador, a principal diferença reside na forma como esse desafio será encarado, bem como a visualização dos recursos disponíveis para o ajustamento diante dessa nova fase. (Adiante a temática do ajustamento à luz da Gestalt-terapia será abordado com mais detalhes).

Segundo Weber (2006), um grande número de pesquisadores estudou sobre a transmissão de comportamentos de mães em relação a seus filhos, algumas das conclusões direcionam para a ideia de que os valores experienciados são repassados às futuras gerações. Ainda segundo a autora, as pessoas tendem a repetir os modelos aprendidos na própria família.

Essa transmissão de comportamentos e valores pode ocorrer de várias formas, por exemplo: através da socialização e imitação as crianças aprendem, desde muito cedo, observando os comportamentos de seus pais e cuidadores. Além disso, também ocorre por meio da herança cultural que inclui crenças sobre o papel da mulher, educação dos filhos, questões relativas à autoridade e gênero, bem como padrões de comportamento disfuncionais como negligência, comunicação ineficiente. As crianças podem introjetar comportamentos repetidos por gerações por acreditarem ser algo normal. Esse processo pode ocorrer de forma positiva ou negativa. Outros fatores como a personalidade e o contexto socioeconômico também influenciam a manifestação de comportamentos.

Para Vitali (2004) Em uma comparação intergeracional fica evidenciado um papel de maior destaque da figura materna na contribuição no que diz respeito à educação dos filhos, sugerindo que a função da mãe seja mais sólida e próxima do que a do pai.

A transição para a maternidade envolve reestruturação da identidade da mulher, por meio da mudança e do engajamento em responsabilidades e tarefas demandadas pela maternidade, em especial, em papéis e relacionamentos interpessoais. Demanda aceitação do bebê, relacionada a um certo nível de satisfação pessoal, bem como alterações no relacionamento com o cônjuge e a família de origem.

E todos esses aspectos tem relação direta no modo como a criança será recebida no ambiente familiar. Receber um novo membro, é uma ação repleta de expectativas, desse modo, cada pessoa que nasce está inserida em um contexto de esperanças, crenças, valores e metas que irão influenciar na formação desse sujeito em desenvolvimento. (Brasil, 2012)

Existe, nesse contexto, a relação com as pessoas da família, bem como a perspectiva da maternidade que esses familiares tem, os receios, as experiências e os discursos propagados, o que pode influenciar no estilo de parentalidade, segundo o autor o relacionamento com a avó materna tem profundo impacto na forma como a mãe se comportará com o filho. (Fischer, 1983).

Para Magalhães e Féres-Carneiro (2005, p.29)

A herança é mais que um fardo, é matéria nobre e promotora do processo de subjetivação.

O sujeito é precedido por outros e só surge por força de um ato de inscrição no grupo familiar e no social, de modo mais amplo. É o grupo que reveste o sujeito de cuidados, protegendo-o, respondendo às necessidades que a imaturidade humana incapacita-o de satisfazer, apresentando o mundo externo e povoando o mundo interno, interditando e lançando o sujeito em seu percurso subjetivante. O grupo permite ao sujeito a ilusão de criar sozinho, suportando a solidão de manter-se acolhedor, atento e suficientemente presente-ausente.

Esse fragmento sugere que embora a herança psicológica traga em seu bojo traumas e desafios, oferece recursos para o processo de formação da identidade, é a base para um processo de autoconhecimento, nossa identidade não se origina no vazio, mas dentro de um contexto (algo que será discutido posteriormente com a noção de campo psicológico); o ser humano é desde cedo inserido em uma rede de afetos, significados, expectativas e normas.

Dentro desse contexto da influência das relações, é possível mencionar o conceito “ser-com-os-outros” descrito pelo filósofo Martin Heidegger (1889-1976). A premissa fundamental dessa ideia é: não existe um sujeito sem um mundo e não há sujeito isolado dos outros. O “ser-com-os-outros” (*in der-Welt-sein*) exprime em ter cuidado dos outros, que se torna autêntico coexistir se os outros são ajudados a adquirir a liberdade de assumir os próprios cuidados” (Reale e Antiseri, 2006, p.201).

O trecho acima reflete a profundidade do pensamento existencialista. O ser humano é um ser de relação. E nessa dinâmica existe o cuidado dos outros, que vai além da simples assistência. Ao cuidar, existe o engajamento, não apenas ajudar, mas realmente se importar com o seu bem-estar, reconhecendo e favorecendo a sua liberdade e a sua dignidade.

O ser-com determina existencialmente a pre-sença mesmo quando um outro não é, de fato, dado ou percebido. Mesmo o estar só da pre-sença é ser-com no mundo. Somente num ser com e para um ser-com é que o outro pode faltar. [...]Nesse estar "entre eles", eles são co-presentes; sua co-presença vem ao encontro no modo da indiferença, da estranheza. A falta e "ausência" são modos da co-presença, apenas possíveis porque a pre-sença, enquanto ser-com permite o encontro de muitos em seu mundo. (Heidegger, 2005, p. 172)

De acordo com o fragmento supramencionado a ideia do ser-com vai muito além do estar ao lado de alguém (fisicamente). Em uma condição existencial, estamos ligados à co-presença dos outros. Mesmo em momentos de afastamento a relação permanece. O ser-com pode envolver memórias e expectativas. Além de ser uma possibilidade de moldar nossas percepções e sentimentos.

Nessa relação há implicações na saúde mental materna, aspectos relativos à culpa e ansiedade que podem emergir no processo de maternagem. Ainda mais quando todo o desenrolar da maternidade está atrelado a ideias, regras sociais e construção de autorregras acerca de como deve ser a criação de uma criança.

A Psicanalista norte americana Jessica Benjamin destaca a importância da relação mãe-bebê para a boa relação entre ambos, de como essa relação acontece desde antes do nascimento e o quanto molda a identidade e o desenvolvimento psicológico:

À medida que embala seu bebê recém-nascido e olha dentro de seus olhos pela primeira vez, a mãe diz: eu acredito que você me conhece. Você sabe quem sou, não é? Sim, você sabe [...] ela diz a seu bebê: Ei, estrangeiro, será que você é, de fato, aquele que eu carreguei dentro de mim? Você sabe quem sou?". (Benjamin, 1988, p.13)

A construção da maternidade é um processo particular. Para algumas mães esse processo pode ocorrer desde a descoberta da gestação, para outras pode levar mais tempo, convívio com a criança e ainda pode existir uma inexistência de vinculação. O texto acima ilustra bem a vinculação e a descoberta da identidade. A troca de olhares representa bem a complexidade de sentimentos que envolvem esse encontro, ao passo que houve todo um processo de compartilhamento, desde a gestação, o encontro após o nascimento da criança representa outra perspectiva de sentimentos.

Nesse processo, é indispensável refletir sobre o papel da rede de apoio para a saúde mental materna – bem como para o bom desenvolvimento infantil. Bowlby (1989) afirma que:

Apesar de opiniões contrárias, cuidar de um bebê ou criança não é tarefa para uma só pessoa. Para que essa tarefa seja bem feita e não leve a pessoa que se ocupa basicamente da criança à exaustão, é necessário prestar-lhe grande assistência. A fonte de ajuda é variável, frequentemente vem do parceiro; em muitas sociedades, inclusive mais frequentemente do que a nossa, essa ajuda vem da avó. Também as adolescentes e as mulheres jovens são solicitadas a cooperar. (Bowlby, 1989, p.18)

O trecho mencionado revela a importância da postura coletiva para evitar a sobrecarga materna, para além desse aspecto, essa colaboração é essencial para o bem-estar da criança.

O psicólogo Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) traz uma perspectiva voltada para a importância do intercâmbio com os outros para a formação e desenvolvimento da própria identidade, tira o foco do que a pessoa sabe em um dado momento e põe sobre o que ela poderia aprender com auxílio.

Vygotsky via o crescimento cognitivo como um processo colaborativo. As crianças, segundo ele, aprendem por meio da interação social e de atividades compartilhadas. Mais do que acreditar em aspectos universais do desenvolvimento, Vygotsky acreditava que há tantas formas de se desenvolver quanto existem culturas diferentes e experiências distintas. Adultos ou pares mais avançados devem ajudar a dirigir e organizar aprendizado de uma criança. Essa orientação é mais eficaz para ajudar a criança a atravessarem a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), o espaço psicológico imaginário entre o que as crianças são capazes de fazer e o que poderiam realizar com o auxílio de outra pessoa. (Martorell, 2014, p.33)

2.2 Contribuições da Gestalt-Terapia sobre o aspecto da transmissão e aprendizagem de valores em famílias e sistemas íntimos

2.2.1 Noção de campo

A Gestalt-terapia leva em consideração a noção de campo. Esse é um conceito que surge da Física com os trabalhos de Faraday, Maxwell e Hertz, no século XIX. Essa teoria que descreve campos eletromagnéticos foi adaptada pelos cientistas sociais, mais especificamente psicólogos alemães – Kurt Koffka, Max Wertheimer e Wolfgang Köhler, principais representantes da Psicologia da Gestalt, em um trabalho que foi publicado logo após a Primeira Guerra Mundial. A ideia principal é a de que a forma como o objeto é percebido está relacionado à configuração total na qual se insere (Zinker, 2001). Em outras palavras, algo nunca é fundamentalmente independente ou isolado, mas sempre está conectado com outras coisas.

Posteriormente, o psicólogo social Kurt Lewin, ao trabalhar com Wertheimer e Köhler na Universidade de Berlim, acrescenta algumas definições à ideia de campos psicológicos, e descreve as características relativas às fronteiras – dos campos – como fluidez e rigidez (Zinker, 2001)

Merleau- Ponty tem o clássico exemplo da reversibilidade que ocorre entre duas mãos que se tocam, e que por isso, não se sabe quem toca e quem é tocado. Assim, quando escrevo essas linhas nesse papel, não preciso pensar no ato da escrita, o que diferencia o papel, a caneta, as letras ou as ideias. Tudo isso é constituído enquanto uma só experiência. E o mesmo ocorre com o leitor que atravessa as palavras escritas e essas letras que se juntam em palavras e se misturam com suas próprias ideias, e produzem um construto que se integram com as de outros autores lidos em outros momentos, outras referências vividas, e essa integração ganha uma conotação completamente nova. Esse é o motivo pelo qual vamos sempre nos referir à ideia de campo a partir da ideia de campo organismo/ambiente. (Belmino, 2020, n.p.)

Nessa perspectiva, Joyce e Stills (2016, p.14) afirmam que se reconhece que desde a concepção, as pessoas estão em relacionamentos e sempre desenvolvem uma relação mútua ou uma conexão com os demais, sendo moldadas e também moldando, estando, desse modo, sob a influência de memórias relacionais.

A noção de campo é fundamental para a Gestalt-terapia, pois é um reconhecer das redes de influências que se interconectam e que em alguns momentos podem ser negligenciadas ou minimizadas (Joyce e Stills, 2016). Para o presente trabalho, essa ideia demonstra a relação que existe entre mães e as gerações que as antecederam, bem como a relação que existe entre comportamentos e atitudes anteriores e reprodução atual.

2.2.2 Fronteira de contato em famílias

A família é uma unidade social, cultural e econômica. Essas unidades assumem diferentes combinações. Nas fronteiras da família existem subsistemas que incluem indivíduos, adultos, crianças e combinações de adultos e crianças.

Pensar o organismo como princípio nos permite entender que ele não é um mero instrumento passivo da natureza. O organismo precisa ser compreendido em sua atividade e com sua habilidade de agir e de responder ao mundo de modo criativo e adaptativo. Essa capacidade só pode ser pensada na necessária correlação com o ambiente. (Belmino, 2020, n.p.)

As fronteiras de contato entre os membros estão em constante mudança. Os indivíduos em famílias funcionais conhecem uns aos outros o suficiente para sentir quando se reunir e quando permanecer separados.

A fronteira é o lugar privilegiado do encontro das diferenças. Quanto mais próxima é uma fronteira, mais se concentram aí energias de proteção, mudança e transformação. Quanto mais alguém se aproxima da fronteira de um país, por exemplo, mais deve estar atento às forças de proteção [...]. Atravessar a fronteira de alguma coisa ou alguém significa entrar no terreno, no corpo, na alma [...] talvez até tomar posse do desconhecido, é passar a conhecer como o outro lida com o mais íntimo de si mesmo, é adentrar no mistério do outro de uma forma sem retorno, correr riscos, de tal modo que crie, em sua vida, formas de contato mais nutritivas e eficientes. (Ribeiro, 1997, p. 34 e 35)

Quando surgem questões a respeito desse assunto, os indivíduos se sentem à vontade para perguntar. Para Zinker (2001, p.7):

As unidades [familiares] assumem muitas faces. Existem adultos vivendo juntos, algumas vezes com combinações de filhos de um ou mais casamentos. Existem famílias combinadas de adultos que vem de casamentos divorciados para criar um único lar [...]; existem diversos tipos de vida comunitária. Em sua maioria, as famílias consistem de um ou mais adultos que vivem em diversos arranjos com uma ou mais crianças. Essas configurações tem fronteiras ao seu redor, e estas as distinguem e as separam de outras famílias e grupos na vizinhança. As fronteiras estão em constante mudança: algumas vezes um sistema é aberto à socialização e sua fronteira semipermeável; em outras ocasiões, ele tem um limite firme. Os indivíduos em famílias funcionais conhecem uns aos outros o suficiente para sentir quando se reunir e quando permanecer separados.

2.2.3 – Bloqueios de contato

Para a Gestalt-terapia, contato tem um significado especial, pois é o fenômeno pelo qual o encontro ocorre e onde toda relação humana se baseia. (Ribeiro, 1997).

Por meio do contato posso pensar minha existência e a do outro, pois fazer contato supõe, de um lado, que eu possa me ver como indivíduo, como um ser separado, sozinho no universo, e, de outro, que o nós é a confirmação da existência de uma comunhão maior. Quando estou só, posso estar em comigo mesmo ou não; quando estou com os outros, posso estar em contato com eles ou não, embora, até certo ponto, esteja sempre em contato com o outro, independentemente da minha vontade. (Ribeiro, 1997, p.32).

Desse modo, é possível compreender o contato como processo dinâmico e contínuo que leva a uma compreensão da existência tanto isolada quanto compartilhada.

Dentro desse contexto, os bloqueios de contato se apresentam como mecanismos de defesa, interrupções ou mesmo obstáculos que dificultam o fluxo do ciclo do contato. A seguir serão destacados três importantes bloqueios, relevantes para a discussão da relação entre maternidade e intergeracionalidade, a saber: introjeção, projeção e confluência.

2.2.3.1 - Introjeção

Após a Segunda Guerra Mundial, Fritz Perls, à época um psicanalista alemão que morava na África do Sul, ficou envolvido em estudar o processo de aprendizagem e

considerou que este era bastante semelhante à assimilação da comida. Perls fala, então, de um metabolismo mental, descrevendo alguns mecanismos de defesa, a exemplo: a introjeção (fazendo uma revisão do termo freudiano), para ele, seria uma falha em mastigar adequadamente o alimento mental. (Zinker, 2001).

Se forem considerados os aspectos do desenvolvimento, para um bebê a introjeção é adequada, mas não ocorre o mesmo para um adolescente e um adulto. Portanto, ele considera que, nos adultos, a introjeção é a falha em realizar perguntas, expressar dúvidas, é um engolir sem saborear, sem mastigar. Considera que em um contexto de poder interpessoal, por exemplo, é mais provável e seguro engolir sem questionar. (Zinker, 2001).

Nas famílias ideias, valores e processos podem ser introjetados por membros e trazer sofrimento e alguns sintomas como a culpa.

A Gestalt-terapia percebe a vida como um processo constante de solução de problemas, considerar esse processo apenas como sintoma é ser reducionista. A patologia é vista como uma interrupção do processo. Assim, sintomas são esforços para tornar a vida mais tolerável, embora todos paguem um preço alto por interrupções no processo. Por vezes, famílias que ficam empacadas na solução de problemas, na culpa e na repetição de fracassos; existe beleza quando a família encontra um modo de buscar resolver um dilema, sem nomear alguém como o que perde a cabeça, o egoísta, o problema (Zinker, 2001).

Ao considerar esse aspecto, pode ser dito que os valores e pressupostos que atravessam as gerações devem seguir o caminho contrário ao andar em círculos para desenvolver um senso de direção para o futuro, além de saírem da culpa e projeção mútuas para assumir uma postura de consideração aos dilemas de cada um.

Na maternidade, isso é facilmente observado. Por vezes, o processo de maternagem está repleto de comparações e repetições que podem ser impasses para a resolução de problemas. É importante que cada pessoa do grupo familiar esteja atento às necessidades atuais, ainda que em algum momento dado comportamento ou valor tenha sido adaptativo.

A Gestalt-terapia tem o foco nas habilidades que cada sistema íntimo/familiar tem para se organizar, portanto, o interesse está no que ocorre no presente. Zinker (2001) Considera relevante experienciar a si mesmo, refletir sobre o que foi aprendido ou

vivenciado no presente com a possibilidade de insights quanto aos possíveis “porquês” do passado.

2.2.3.2 Projeção

A projeção é tendência a atribuir ao meio a responsabilidade por algo que tem origem no self, que “transborda” e invade o mundo externo. Em outras palavras, para a Gestalt-terapia, projeção é um mecanismo neurótico em que a pessoa atribui características, ideias, sentimentos, desejos e pensamentos que são seus em uma outra pessoa. Em geral, a pessoa que projeta não consegue reconhecer ou aceitar esses aspectos em si. (Ginger e Ginger, 1995).

Ginger e Ginger (1995, p.135) trazem o viés da projeção saudável. A empatia, as produções artísticas, as projeções para o futuro, se alimentam desse aspecto. Ela se torna patológica quando é habitual e estereotipada. Os autores trazem um exemplo de como isso pode ocorrer: “Estou vendo que vocês estão cansados, diz a seus alunos o professor que desanimou.

Articulando essa definição à temática do presente trabalho, é possível citar a projeção quando membros de gerações familiares anteriores podem projetar suas próprias experiências, conceitos e expectativas sobre maternidade em suas filhas, levando algumas mães a sentirem a pressão para agir de acordo com o esperado.

2.2.3.3 Confluência

“É um estado de não contato, de fusão ou ausência de fronteira de contato. A criança pequena está em confluência normal com sua mãe, assim também o amante com a amante, e também o adulto com sua comunidade, e até o homem com o universo, por pouco que se sinta em harmonia mística com ele (sentimento oceânico de comunhão ou êxtase). [...] No plano social a confluência impede qualquer confronto e qualquer contato verdadeiro (que implica diferenciação entre duas pessoas distintas. [...] *Toda ruptura brutal da confluência* acarreta em uma ansiedade em ansiedade – em geral, acompanhada de culpa. [...] Foi precisamente para denunciar a confluência que Perls compôs sua famosa “Oração da Gestalt” – que fez correr muita tinta e lhe atraiu muitas críticas daqueles que não souberam discernir o espírito dela:

“Eu sigo meu caminho, você segue o seu.

Eu não estou neste mundo para corresponder às suas expectativas,

E você não está neste mundo para corresponder às minhas.

Você é você e eu sou eu...

E se, por acaso, nos encontrarmos, é maravilhoso!

Se não, nada podemos fazer!”.

(Ginger e Ginger, 1995, p. 133).

Esse conceito pode ser relevante para compreender a dinâmica dos conflitos intergeracionais. É importante tomar consciência acerca de limites saudáveis, sentimentos e ideias, a fim de ter atitudes baseadas na autonomia e na diferenciação, sem se deixar levar excessivamente pelas expectativas da outra pessoa.

2.2.4 Noção de figura-fundo e sua relação com a maternidade

Figura-fundo é um conceito central na construção teórica da Gestalt-terapia. Está relacionado à uma noção perceptual: figura é o que se apresenta em primeira instância no campo de percepção da pessoa, aquilo que inicialmente chama a atenção, já o fundo é aquilo que não está em foco no momento, mas que compõe a experiência geral.

Ao falar de figura e fundo estamos falando de forma ou de formação de realidade ou daquilo que se chama “formação-duo”: uma figura “sobre” ou “dentro” de “outra”. Estamos falando de dupla representação: imaginemos a figura de um triângulo dentro de uma figura retangular. Ao dizer que a pequena figura está sobre o retângulo, afirmamos que a figura maior é uma unidade e isto significa que a figura maior não deixa de existir onde está a menor, mas continua por baixo ou por detrás da figura menor. Isto significa ainda que parte do campo total, coincidente com a área da figura pequena, está representada duas vezes em nosso campo ambiental, uma vez como a própria figura pequena e uma vez como parte do retângulo maior. (Ribeiro, 2012, p.73)

De acordo com Ribeiro (2012) a figura não está isolada do fundo, ela existe no fundo, ou seja, ao serem observadas por um viés existencial, questões humanas não podem ser vistas de modo isolado, todos os elementos presentes no campo fazem parte de uma experiência global.

O estudo desse conceito pode ser ampliado para uma visão existencial em que são contemplados sentimentos, emoções, pensamentos e vivências. Por exemplo, uma pessoa pode estar concentrada em um problema específico de sua vida e não se dar conta ou não perceber naquele momento o fundo (as outras experiências e vivências que compõem).

Ao associarmos essa ideia ao período da perinatalidade, bem como ao observarmos os relatos de mães posteriormente citados neste estudo, observa-se que esse período para algumas das entrevistadas se apresenta como figura, especialmente quando se diz respeito à sentimentos e preocupações. Por vezes, é necessário o acompanhamento psicoterapêutico para que haja maior fluidez nessa relação – figura-fundo.

2.2.5 Ajustamentos criativos e a maternidade

Para a Gestalt-terapia, os ajustes criativos dizem respeito à maneira como os indivíduos se adaptam às situações, especialmente as desafiadoras. São processos que levam em consideração a integração da pessoa com o seu meio. Em outras palavras, diante de experiências que requerem uma mudança de perspectiva, ocorrem processos que visam o ajuste às demandas, de acordo com as necessidades e as características do campo.

Ajustar-se criativamente implica imprimir sua marca nos acontecimentos da vida, “pessoalizando-a”, tornando-a própria, atualizando as potencialidades singulares presentificando-as na interação com o mundo. A vida humana é sempre vida de alguém, que acontece em meio aos outros. O outro, o diferente, o estranho que nos limita, desafia, contesta, desaloja, desarruma e também confirma, testemunha, acolhe e se deixa transformar pelo nosso modo ser. Paradoxalmente, nos faz outros para nós mesmos e possibilita que nos apropriemos do outro. Ajustar-se criativamente é viver a vida como fluxo, na interação com os outros e os acontecimentos, apropriando-se e criando recursos, assumindo a responsabilidade e a cocriação do próprio destino – pois, se não podemos determinar integralmente o que nos acontece, somos livres para escolher e responsáveis por como vamos viver as experiências, ofertando ou não a elas um sentido. (Cardella, 2014, n.p.)

Ajustar-se não se trata de um controle absoluto em relação ao destino, mas da possibilidade de escolha da forma de como se irá reagir diante dos acontecimentos e quais os significados que serão dados ao fluxo da vida.

A experiência da maternidade é um convite a um constante ajustamento, uma convocação para moldar-se as transformações que se imprimem tanto em sua identidade quanto nos eventos à sua volta. As novas mães deparam-se com suas potencialidades e vê se desafiada a adaptar-se à nova realidade familiar.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

De acordo com Prodanov e Freitas (2013) a metodologia é uma disciplina que compreende o estudo, a compreensão e a avaliação de diversos métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica, visa, em nível aplicado examinar, descrever e avaliar métodos e técnicas de pesquisa que dão possibilidade para a coleta e processamento de informações com a finalidade de encaminhamento à resolução de problemas e/ou questões de investigação.

3.1 Delineamento

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa de natureza qualitativa, utilizando o procedimento estudo de campo.

A escolha pela pesquisa qualitativa se dá ao considerar uma relação entre contexto e sujeito, desse modo, tem uma relação direta com os objetivos desse estudo que busca uma compreensão sobre a forma como as participantes percebem e interpretam a maternidade, bem como a sua relação com os valores e crenças intergeracionais.

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números. A interpretação de fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Prodanov e Freitas, 2013, p.70)

A Pesquisa de campo é utilizada objetivando conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema para o qual se procura uma resposta, ou acerca de hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, a fim de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles, assim como demais tipos de pesquisa, parte do levantamento bibliográfico, para saber em que estado se encontra atualmente a questão e os trabalhos já realizados com a temática. (Prodanov e Freitas, 2013).

Desse modo, o primeiro passo foi a realização de levantamento bibliográfico na literatura nacional e internacional acerca da temática. Sendo utilizadas as palavras-chave: maternidade; identidade materna; intergeracionalidade; maternidade sociocultural; na base de dados *Scielo Search*, assim como a utilização de publicações importantes sobre o tema.

3.2 Instrumentos, informantes e local da pesquisa

Os instrumentos de investigação foram: roteiro de entrevista semiestruturado elaborado pela autora, composto por dados sociodemográficos e questões acerca dos aspectos relativos à identidade materna e às influências familiares e socioculturais.

As informantes foram selecionadas pelo método bola de neve: são selecionadas informantes iniciais, de acordo com a rede social da pesquisadora, as denominadas sementes, que irão indicar contatos com as características desejadas a partir de sua própria rede pessoal. (Vinuto, 2014). Ao todo, participaram da pesquisa sete mulheres.

Critérios de inclusão: mulheres de diferentes idades, etnias e religiões, residentes na cidade de Santa Inês no Estado do Maranhão, com a condição de que fosse a primeira gestação e que os filhos tivessem até dois anos de idade, foi incluída uma mulher que ainda não pariu (à época da entrevista).

Posterior à verificação dos critérios de inclusão, a pesquisadora entrou em contato para explicar os objetivos do estudo, após o aceite, a informante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Sendo solicitado que as entrevistas fossem gravadas em áudio. Depois desse momento, local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade da informante.

A coleta de dados aconteceu em dois momentos: inicialmente a informante respondeu os dados sociodemográficos questionados: idade, etnia, religião, quantidade de familiares na residência.

No segundo momento a informante respondeu às perguntas da entrevista composta por dez perguntas sobre maternidade e intergeracionalidade: (1) O que significa ser mãe para você? (2) Como você se sentiu quando descobriu a gestação? (3) Como a notícia de sua gestação foi recebida por seus familiares? (4) Existem pessoas na sua família as quais você se sente à vontade para contar sobre assuntos relativos à maternidade? (5) Quem são essas pessoas? (6) Você possui rede de apoio? (7) Existem comentários de familiares que trazem impacto na forma como você se percebe sendo mãe? (8) Quais os sentimentos mais comuns durante o processo de se tornar mãe? (9) O que você considera que é ser mãe para seus familiares (a exemplo, mãe, tias, avós)? (10) Quais falas você lembra que sua mãe comentava sobre o processo de maternidade?

3.3 Registro e análise de dados

Após a entrevista os relatos foram transcritos *ipsisiliteris* e as participantes identificadas por nomes de flores. O material será arquivado por cinco anos pela pesquisadora e depois descartado. Se a participante desejar, receberá o arquivo da gravação.

A análise dos dados ocorreu por meio do Método Interpretação de Sentidos, que é uma abordagem qualitativa utilizada principalmente em pesquisa social. É um método que busca compreender a complexidade das experiências humanas e como as pessoas atribuem significados às suas vivências (Minayo, 2002; Ayres, 2005) e interage com os resultados encontrados, buscando a lógica interna dos fatos, relatos e observações.

Segundo Minayo; Deslandes; Gomes, 2015. O método seguiu os seguintes passos (a) observação do conjunto e apreensão das particularidades; (b) identificação dos sentidos atribuídos ao conceito de maternidade e relações familiares; (c) elaboração de síntese interpretativa, com fim de articular objetivos do estudo e marco teórico-conceitual. A seguir são detalhados alguns postos-chave sobre como foi realizada a análise por esse método:

1. Abordagem qualitativa: o objetivo é captar a profundidade das experiências humanas em vez de somente quantificá-las.

2. Interpretação de sentidos: não ocorrerá apenas uma descrição do que as participantes disserem, mas sim uma interpretação por trás do significado dessas palavras, levando em consideração o contexto cultural, social e emocional das experiências relatadas.

3. Processo dialético: A pesquisa é feita por meio de constante interação entre pesquisador e participantes.

4. Análise contextual: É imprescindível considerar o contexto em que essas experiências ocorrem, levando em conta história pessoal e cultural.

5. Valorização da Subjetividade: Considerar que cada pessoa pode ter uma perspectiva única sobre o mesmo fenômeno, isso ajuda a evitar generalizações excessivas.

3.4 Procedimentos éticos

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil em Abril de 2024, de acordo com os aspectos éticos contidos na resolução 510/16 que dá as diretrizes para a pesquisa

que envolve seres humanos, dando garantias da não-maleficência e recebeu o parecer de aprovação em Maio do mesmo ano.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) detalha os objetivos e a metodologia do estudo e garante a confidencialidade dos dados, bem como dá a liberdade da recusa na participação, assim como de desistir a qualquer momento da pesquisa e ainda demonstra o direito de receber informações concernentes ao estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Dados sociodemográficos

Foram entrevistadas sete mulheres, com idades entre 25 e 36 anos, a figura abaixo detalha as informações obtidas por meio de questionário:

<i>Nome</i>	<i>Etnia</i>	<i>Religião</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Idade</i>	<i>Idade do filho (a)</i>
<i>Tulipa</i>	Branca	Cristã	Especialização	Advogada	28 anos	1 ano
<i>Girassol</i>	Parda	Evangélica	Especialização	Enfermeira	36 anos	Gestante
<i>Jasmin</i>	Branca	Católica	Doutorado	Docente	31 anos	1 ano e 6 meses
<i>Lírio</i>	Parda	Evangélica	Ensino Médio	Trabalhadora Doméstica	25 anos	1 ano e 8 meses
<i>Petúnia</i>	Branca	Evangélica	Ensino Médio	Esteta	25 anos	11 meses
<i>Orquídea</i>	Branca	Cristã	Ensino Superior	Empreendedora	27 anos	11 meses
<i>Violeta</i>	Parda	Cristã	Ensino Superior	Empreendedora	32 anos	1 ano e 9 meses

Figura 1 – Dados sociodemográficos das entrevistadas.

4.2 Categorias de análise:

4.2.1 Sentidos atribuídos à maternidade

“Um filho, afinal, é quem dá à luz a mãe.” (Mia Couto)

Ser mãe é uma experiência desafiadora e pode ser transformadora. A responsabilidade materna reflete esse viés e se estende para além do cuidado físico com o novo ser, podendo propiciar um ambiente seguro, com apoio e compreensão. As mães influenciam a formação da personalidade e o estabelecimento da autoestima de seus filhos. O modo como uma mãe interage com seus filhos pode moldar as habilidades sociais e preparar essa criança para os desafios da vida. De acordo com Fontoura (2024), a família fornece ao indivíduo o primeiro contato com o mundo ao seu redor e isso é um valor determinante para suas escolhas futuras.

Os depoimentos a seguir oferecem a possibilidade de reflexão acerca da vivência de fatores como responsabilidade, compromisso permanente, formação e transformação de identidade.

*“Eu acho que o principal conceito é **responsabilidade**, né? Ser mãe é responsabilidade. É uma pessoa que vai tá ali pra sempre, vai depender de você por muito tempo, **dependência** mesmo assim, e o laço é pra sempre.” (Girassol)*

*“O que significa ser mãe? Ser mãe é estar ali todo o tempo, **disponível** pra aquela criança. É ser uma pessoa responsável, amorosa e também é uma responsabilidade pro resto da vida”. (Petúnia)*

*“É um amor incondicional e **uma responsabilidade**, né?” (Lírio)*

*“**Responsabilidade** muito grande; **doação**, eu entendi que a gente passa a viver por eles. É um sentimento que só quem é mãe entende, quem não tem filhos não tem noção da proporção do amor e da capacidade de cuidado que a gente tem, a força que a gente tem por eles, mas é uma responsabilidade, é uma doação. Eu definiria como isso: doação total. (Jasmin)”*

O tema da responsabilidade aparece diversas vezes nos trechos acima e reflete o papel da mãe como figura central e contínua na vida da criança. John Bowlby (1907-1990), ao formular a Teoria do Apego, sugere que o desenvolvimento está diretamente relacionado a esse vínculo mãe/bebê.

Um traço do comportamento de apego, clinicamente de grande importância e sem considerar a idade do indivíduo em questão, é a intensidade da emoção que o acompanha, o tipo de emoção que surge de acordo com a qualidade da relação entre a pessoa apegada e a figura de apego. Se tudo vai bem, há satisfação e um senso de segurança. Se a relação está ameaçada existe ciúme ansiedade e raiva. Se ocorre ruptura, há dor e depressão. Finalmente, existe uma forte evidência de que a forma segundo a qual o comportamento de apego de um indivíduo se organiza, depende, em alto grau, dos tipos de experiências que ele teve com a sua família de origem. (Bowlby, 1989, pág. 19)

Desse modo, ainda que não tenham se apropriado teoricamente das formulações de Bowlby, as mães entrevistadas compreendem a influência que tem na forma como seus filhos irão se desenvolver física e psicologicamente, vindo daí o senso de responsabilidade diante dos acontecimentos.

Ao analisar esses conceitos à luz da Gestalt-terapia, é possível destacar que ser responsável é estar presente e consciente das necessidades estabelecidas, essa teoria enfatiza a necessidade de contato profundo nas relações, mas sem perder de vista a sua própria identidade.

É comum que as mães, ao dedicarem e doarem seu tempo e cuidado ao novo ser, deixem de lado algumas de suas próprias necessidades, mas o cuidado com o bem-estar emocional e físico delas é fundamental para que continuem a exercer essa função com equilíbrio e saúde. Nesse contexto, surge a necessidade do apoio e suporte por meio de familiares, amigos, profissionais de saúde (incluindo psicólogos) e até mesmo da comunidade.

*“Acho que o conceito de ser mãe é aquela primeira pessoa responsável por um ser, tanto em **criar aquela vida** em si, quanto a **propiciar educação** para ela se integrar na sociedade”.*
(Tulipa)

*“É meio que uma realização, porque sempre foi um desejo, porque eu creio que a mãe, ela acaba tendo um **papel muito importante na sociedade**, de formar um novo cidadão, porque o pai, ele geralmente tá fora, quem tá mais próximo geralmente é a*

mãe, é quem conversa mais, é mais aberta, então eu vejo um papel muito grande assim da mãe como formadora de pensamentos, caráter.” (Orquídea)

As falas de Tulipa e Orquídea ressaltam a ideia de cidadania e socialização, importantes para a integração da criança à sociedade. Essas frases remontam ao pensamento de Lev Vygotsky (1896-1934) em sua Psicologia Sócio-Histórica, que enfatiza o papel da mediação, aqui representada pelas mães. Esse processo permite às crianças internalizarem normas e práticas culturais importantes.

Vygotsky trabalha com funções básicas da linguagem. A principal função é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem. Essa função de comunicação com outros é bem visível no bebê que está começando a aprender a falar: ele não sabe ainda articular as palavras, nem é capaz de compreender o significado preciso das palavras utilizadas pelos adultos, mas consegue comunicar seus desejos e seus estados emocionais aos outros através de sons, gestos e expressões. É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem. (Oliveira, 1997, pág.42)

A mãe, como figura central no desenvolvimento do bebê, desempenha forte papel no intercâmbio social. Fornece muito mais que cuidado e proteção, mas também um ambiente propício à socialização, atuando como mediadora nesse processo de aquisição de linguagem, importante para a interação com o mundo.

Outro aspecto nesse processo é a qualidade do ambiente que a criança cresce para o bom desenvolvimento da criança:

A qualidade do ambiente no qual a criança cresce, desde a gravidez até os primeiros anos de vida, e os relacionamentos que são construídos entre a criança, família e os cuidadores (avós, tios, educadores e outros) produzem impactos significativos em seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. A criança se desenvolve em uma rede de relacionamentos: quando são de boa qualidade, formam vínculos seguros que contribuem para o desenvolvimento de muitas competências, tais como boa autoestima, prazer em aprender, facilidade de compreender emoções e sentimentos e empatia, que resultam na capacidade de se relacionar bem com os outros no decorrer da vida. (Maldonado, 2017, p.17)

Em outras palavras, um ambiente com vínculos significativos, estimulação adequada, limites saudáveis e boas experiências, é fundamental para a aquisição de habilidades nas crianças, daí a importância da presença da família para uma boa saúde mental materna e conseqüente probabilidade de impactos positivos no desenvolvimento infantil.

O depoimento a seguir relata sobre o aspecto da maternidade como realização, e também como uma oportunidade para amadurecimento.

*“Uma fase, uma **realização** também, né!? Uma fase da vida, nova, de **descobertas**... é um momento que a gente... é uma passagem, na verdade, né?! Ser mãe é isso, uma passagem, que a gente deixa de ser para si, para ser para o outro, **larga de ser egoísta**, né? A gente acha que não é egoísta, mas depois que a gente é mãe, a gente entende que a gente era **egoísta** sim, acho que é isso, acho que não tem uma coisa assim muito definida.”*
(Violeta)

Violeta dá luz a uma reflexão: a maternidade como um período de autoconhecimento ou reconhecimento de facetas da personalidade até então ocultas, a entrevistada se reconhece egoísta em um momento anterior à maternidade.

No curso de nossas vidas sempre nos deparamos com situações que nos surpreendem; em nós acabam se nos revelando sempre de novo aspectos com os quais propriamente não contávamos. Em nós, resguardamos muitas coisas estranhas e desconhecidas, inconscientes, não sabidas – sempre estamos na iminência de nos defrontar com surpresas. (Kast, 2016, p.9)

Segundo Kast (2016) existem muitas coisas a serem descobertas e o indivíduo está sempre na iminência de se defrontar com aspectos inesperados de nossa própria existência.

O tornar-se si mesmo não pode ser visto como algo que exclui o mundo dos outros; ao contrário, tornar-se si mesmo, a configuração de si mesmo, implica sempre também a configuração de relações. E nisso a configuração das relações não significa que nosso semelhante possa apenas ser visto como algo que nos é útil, como a pessoa que é o sujeito de nossas projeções. (Kast, 2016, p.14)

Orquídea reflete sobre as idealizações.

Eu acho que a gente idealiza muito, principalmente como mãe de primeira viagem, a gente idealiza muito tudo e quando a gente chega na realidade, geralmente não é a mesma coisa e tem, lógico, a forma como a família criou. (Orquídea)

4.2.2 Olhares das filhas: compreendendo a maternidade sob a perspectiva de suas mães

As mães das mães são peças importantes na maternagem. Podem transmitir tradições, valores e normas. Dadas as interações, podem influenciar nos estilos de criação, além de serem suporte valioso no cuidado com os filhos.

Os seguintes depoimentos trazem uma rica perspectiva de como existe um reflexo da relação com suas mães, na maternagem das entrevistadas. O papel materno é representado com bastante complexidade, envolvendo aspectos como renúncia, dedicação, responsabilidade contínua e cuidado familiar, além de aspectos como compreensão e empatia. À medida que as recém – mães vivenciam as situações que anteriormente pareciam distantes, podem revisitar e compartilhar experiências que eram anunciadas por gerações anteriores.

*“O que é ser mãe para ela é muita dedicação mesmo, muita renúncia... basicamente isso: **dedicação e renúncia.**” (Violeta)*

*“Eu acho que o principal conceito é **responsabilidade**, né? Ser mãe é responsabilidade. É uma pessoa que vai tá ali pra sempre, vai depender de você por muito tempo, dependência mesmo assim, e o **laço** é pra sempre.” (Girassol)*

*“**Cuidado** com a família como um todo.” (Orquídea)*

*“É como eu falei para você: **responsabilidade.**” (Jasmin)*

“Quando eu estudei fora, minha mãe sempre chorava. Comigo, com minha irmã... então, ela sempre sofreu muito com a partida dos filhos, e eu sorria dela. Eu dizia: ah, mãe! Para de ser besta! E ela sempre dizia pra mim: quando você for mãe vai entender. E, realmente, hoje, desde quando eu precisei voltar a trabalhar, me ausentar sempre foi muito doloroso. Então eu entendo... perfeitamente. (Jasmin)”

Pra minha mãe eu acho que é esse cuidado, esse amor, é sem limites. Porque até hoje, enquanto mãe, eu não sou mais só filha, eu também sou mãe, ela continua cuidado de mim, cuidando da minha filha, me dando esse apoio para eu voltar aos meus

estudos, a movimento que tinha de ter antes de ter ela, é eu retomar entre aspas, a minha vida. (Tulipa)

Quando vistos sob a ótica de filhas que são agora mães, esses depoimentos revelam aspectos importantes da relação, trazendo à tona o impacto da transformação pela experiência. Para Girassol, por exemplo, é possível inferir que considera a maternidade como um laço que não pode ser desfeito, que agora, a partir de sua experiência, consegue enxergar com mais clareza.

É possível considerar, a partir da fala de Orquídea, a percepção do esforço constante das mães para manter os membros da família bem cuidados. Ao assumir esse novo papel, talvez esteja percebendo a verdadeira dimensão desse cuidado com toda a estrutura familiar.

O depoimento de Jasmin revela um processo transformador de percepção e amadurecimento, que agora como mãe compreende essa dor, ela também reconhece e valida esses sentimentos, demonstrando a complexidade da maternidade e da empatia que se desenvolve a experienciá-la.

Os fragmentos são testemunhos de como a maternidade, ao ser vivenciada, transforma a visão de mundo, o que antes poderia ser visto com certo distanciamento e incompreensão, hoje pode ser compreendido com profundidade. Para além disso, pode ser uma oportunidade de aproximação com suas próprias mães.

4.2.3 Valores e ideias que atravessam as gerações

É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança
(Provérbio africano)

Ser mãe é um processo de constante construção, como uma rosa que floresce em terreno fértil, onde os ensinamentos adquiridos ao longo dos anos, repletos de valores e cuidado adubam o crescimento.

*“Eu acho que essa acabou sendo a minha visão também, construída em relação a isso, até porque meus pais sempre falaram sobre isso na igreja, então aprendi muito em relação a eles, mas eu acho que assim, não é algo que foi falado sobre ser mãe, mas pelo que eu pude observar na minha família, sempre foi um **processo muito servil de cuidado**, ser levado muito a sério, assim, esse cuidado com o filho.” (Orquídea)*

As palavras de Orquídea demonstram esse entrelaçamento. A participante reflete sobre sua cosmovisão ao olhar para as experiências que recorda de sua mãe. Esse depoimento remete ao conceito da introjeção, descrito no marco teórico.

*“Eu sempre vi, exemplo, a minha mãe servindo a comida do meu pai, não por uma obrigação nem nada, mas por gostar, né? **E tudo isso eu acabei trazendo muito para dentro da minha família e também para questão da maternidade, esse gostar de cuidar.** Então eu vejo a mãe e a esposa como alguém que zela pela família, por olhar esse zelo dentro da minha própria família.” (Orquídea)*

*“**Minha mãe sempre fala: eu quero teu bem... você não é tudo mundo.** Aí hoje a minha filha fica querendo provar um refrigerante em uma festa infantil, aí eu já falo, **ela nem entende, mas eu já falo: filha, você não é todo mundo.**” (Tulipa)*

A confluência é um mecanismo relacionado ao contato, em que os limites entre as pessoas se encontram em grande interrelação. Opiniões ou atitudes de uma das partes podem ser desconsideradas ou diminuídas. Zinker (2001) descreve como isso pode acontecer.

Uma resistência comum é a confluência – a perda de limites entre o eu e o outro. A confluência fica aparente quando o poder é mal-utilizado exercido de modo abusivo: as sugestões ou as influências incômodas tornam-se um exigir; o atrair se transforma em seduzir. [...] A energia de uma parte do sistema assume poder demasiado e a energia da outra parte se torna deprimida e oculta, embora seja observável como placidamente confluenta. (Zinker, 2001, p. 95)

O relato de Petúnia aponta para uma possível confluência entre mãe e filha, em que a opinião de uma das partes, ainda que ocorra de maneira muito sutil, chama a atenção para os limites de se estar em uma relação de confluência e perda de autonomia.

Minha mãe que no começo ela disse que não tava na hora ainda, mas depois ela aceitou. (Petúnia)

O depoimento a seguir aponta para uma questão importante: a saúde mental materna. Orquídea reflete sobre a repetição de comportamentos relacionados ao estresse,

revelando que se percebe muito parecida com sua mãe. É importante destacar que a participante vincula essa ideia ao cansaço. Algo que se processa nas falas abaixo destacadas.

*Eu acho que a parte de estar muito **estressada**, é uma coisa que eu via assim, o **cansaço** da minha mãe e a gente se parece muito, muito, muito. Até a forma de eu me estressar, se parece muito com a forma de ela se estressar.” (Orquídea)*

*Eu acho que é uma mescla de **exaustão** com amor, porque quando a gente tá assim, a gente sempre tá cansada, mas olha para o bebê e o coração chega dói. (Orquídea)*

Alegria e cansaço. Puxa demais. (Petúnia)

O relato a seguir - de Jasmin - reflete um movimento oposto ao mencionado acima, através de suas palavras é possível identificar uma busca por autonomia, uma atitude reflexiva e não passiva diante dos comentários que escuta. Já Orquídea faz uma reflexão sobre a seu próprio comportamento, revendo algumas questões e ressignificando outros aspectos.

Ah! A minha mãe sempre faz comentários de que comigo ela fez diferente e... eu não me incomodo, eu aprendi a dizer que não, o jeito que eu faço é melhor, é a minha escolha. Então, deu tudo certo, mas tinha sim comentários: “eu fiz isso com você, não morreu”. (Jasmin)

“Tiveram comentários assim no início, assim, foram bem estressantes pra mim, principalmente questão de alimentação, algumas coisas assim, mas também, aos poucos eu fui vendo o que dava pra abrir mão, o que não dava... e aí acabou assim, teve umas coisas que me fizeram chorar, me incomodaram, me estressaram, mas teve uns que me fizeram refletir a forma como eu tava fazendo, será se eu não tô sendo cricri demais? Será que isso não está me prejudicando também? Porque chegou um ponto que eu percebi que estava me prejudicando estar o tempo todo

muito certinha nas coisas e eu vi que tava se tornando mais um fardo do que... então teve o impacto negativo às vezes de me estressar, me incomodar, e lógico teve coisa que eu não acatei, mas teve outro que foi impacto bem positivo de me fazer ver assim que eu poderia levar a maternidade com um pouquinho mais de leveza.” (Orquídea)

4.2.4 Diferenças intergeracionais (influências culturais, sociais e econômicas)

O nosso contar sempre esteve precedido, antes de tudo do relato de quem nos carregou no seio e daqueles que nos deram um sobrenome e um nome e cuidaram de nós, inscrevendo-nos numa história de mais amplas narrações, de experiências já feitas, de sentidos já construídos. (Botturi)

As falas a seguir refletem as mudanças da maternidade ao longo das gerações, com maior ênfase na saúde mental, educação respeitosa, acesso a mais opções de saúde e autonomia da mulher.

“A minha mãe sempre falava... porque eu sempre fui muito sensível pra dor, né? Aí no conceito dela, como ela morava no interior, não tinha acesso a serviços de saúde, então todos os partos foram naturais, quando eu ficava reclamando de dor, ela dizia: ah, minha filha, então tu não vai nem ter filho, tu nem engravida, por causa disso. (Girassol)

De acordo com Martorell (2014, p.82) “os costumes em torno do nascimento refletem crenças, valores e recursos de uma cultura.” Segundo a autora, o nascimento era uma luta contra a morte, em outros tempos, tanto para a mãe quanto para a criança.

A fala de Girassol revela um aspecto mais tradicional da maternidade, com fortes influências culturais e econômicas. Provavelmente, a visão de sua mãe, em relação ao parto era de bastante sofrimento. Essa ideia está vinculada à falta de opções de saúde, mais acessíveis na atualidade, o que molda uma visão mais pragmática e inflexível quanto a aspectos físicos e emocionais da perinatalidade.

Sim, a forma de criação que a minha mãe teve comigo, não é a mesma que eu quero utilizar com a minha filha, primeiro por conta da alimentação, não utilizo e não dou para ela açúcar em geral, e também pela educação respeitosa, que eu estou tentando praticar e a educação emocional desde cedo, tanto que eu faço

terapia e estou tentando fazer com que meu esposo faça terapia também, para a gente ter uma educação emocional para proporcionar para ela desde cedo, mas as pessoas que não são da nossa geração, ou então não acreditam nessa forma de educar, elas trazem muitos comentários negativos a respeito disso: ah! meu filho tomou e não morreu... ah! tá botando manha na menina, não precisa colo, não precisa dar esse afago, ela não tem que dormir contigo. Tudo isso, todas as escolhas que eu fiz... só que assim: eu, diferentemente de algumas mães, eu consigo me posicionar, a frase que eu sempre utilizo é: você teve a sua maternidade, a sua vez, essa é a minha vez de acertar e de errar, se a minha filha não vai ser bem educada, esse é um problema só meu, porque no futuro quem vai colher essa responsabilidade sou eu, então eu continuo ouvindo, no profissional inclusive, eu saio com minha filha para o parquinho, ou eu trago minha filha para o trabalho, todo mundo tem uma opinião a dar, a respeito de comer bolachinha, dá uma palmada, não sei o que, tá fazendo birra. (Tulipa)

Tulipa traz uma mudança de paradigma em relação à educação que recebeu, pretende oferecer um olhar mais atencioso e respeitoso, priorizando o colo e a presença emocional, ainda que necessite suportar as críticas, através de seu discurso se propõe a realizar psicoterapia, a fim de lidar com suas próprias questões, a fim de não projetá-las na filha e ter autonomia e disposição para questionar normas estabelecidas, o que demonstra uma atitude de protagonismo em relação à própria vida, responsabilizando por suas atitudes, independente das consequências que possam existir.

Ah! Eu era muito mimada e isso eu acho que eu faço com meu filho e aí tem aquela diferença de que eu sou uma menina e ele é um menino, daí eu tento me policiar para ele crescer um homem forte, porque é diferente uma menina e um menino. Ela é muito apegada com a gente e eu sou muito com ele, assim, tento me convencer, ele é um menino vai sair de casa, vai casar. (Violeta)

Essa fala revela uma perspectiva de diferenciação social em relação ao gênero. Para Martorell (2014) os pais promovem socialmente uma tipificação de gênero – o processo pelo qual as crianças adquirem o comportamento que sua cultura considera apropriado para cada sexo. Segundo a autora, os pais começam a influenciar as personalidades de meninos e meninas muito cedo e que existem variações interculturais na forma de brincar nos primeiros anos, o brincar mais impetuoso com os meninos pode ser uma diferença de gênero de base biológica, mas com grande contribuição da influência cultural.

Solomon (2013) utiliza uma definição que ajuda a compreender a transmissibilidade de valores e sua relação com a identidade.

A maioria dos filhos compartilha ao menos algumas características com os pais. São o que chamamos de identidades *verticais*. Atributos e valores são transmitidos de pai para filho através das gerações, não somente através de cadeias de DNA, mas também de normas culturais compartilhadas. A etnia, por exemplo, é uma identidade vertical [...]. A linguagem é geralmente vertical, uma vez que a maioria das pessoas que fala grego educa os filhos para falar grego também, ainda que o entoe de forma diferente ou fale outra língua a maior parte do tempo. A religião é moderadamente vertical; pais católicos tendem a criar filhos católicos, embora as crianças possam se transformar em irreligiosas ou se converter a outra fé. A nacionalidade é vertical, exceto para os imigrantes. [...] Muitas vezes, porém, alguém tem uma característica inata ou adquirida que é estranha a seus pais e, portanto, deve adquirir identidade de um grupo de iguais. É o que chamamos de identidade *horizontal*. As identidades horizontais podem refletir genes recessivos, mutações aleatórias, influências pré-natais, ou valores e preferências. (Solomon, 2013, n.p.)

Esse texto de Solomon (2013) captura a essência da reflexão acerca da transmissibilidade, aponta para um caminho em que os valores se conectam entre pais e filhos de diferentes gerações, mas revela aspectos que perpassam a discussão, a saber, o aspecto da horizontalidade, que tem relação tanto com questões biológicas não compartilhadas (a exemplos de características recessivas), quanto de escolhas não compartilhadas com as gerações anteriores. As identidades horizontais podem ser vistas como afrontas a um histórico geracional – tendo em vista uma descontinuidade na linearidade presumida -, caso não ocorra respeito e acolhimento no seio familiar.

Essa ideia remete a um mecanismo chamado de projeção para a Gestalt Terapia, em que há uma certa tendência em atribuir os próprios sentimentos, pensamentos, características e aspirações a uma outra pessoa. Essa ideia pode ser deletéria

a partir do momento em que invade o espaço e os direitos do outro, inclusive trazendo sofrimento.

4.2.5 Implicações para o exercício profissional

O processo gestacional é, por vezes, idealizado, em geral, associado a uma benção. Socialmente espera-se que a nova mãe sinta felicidade e realização ao descobrir a gravidez. No entanto, a realidade pode ser bem diferente. É importante reconhecer que cada gestação é única, o sentir emocional é diferente para cada mulher. Além dos processos fisiológicos de mudanças hormonais, existem conflitos que devem ser considerados, como a pressão por suprir as expectativas sociais. É importante que haja um espaço seguro para que essas mães possam expressar seus reais sentimentos e expectativas.

“A minha mãe ficou emocionada, ficou feliz, todo mundo tava muito feliz e preocupado, porque eu não sentia aquela felicidade que todo mundo espera que uma grávida sinta. O pai dela ficou feliz e preocupado também por nosso momento profissional.”
(Tulipa)

Somados aos aspectos supramencionados, há a preocupação que as mulheres enfrentam em relação ao trabalho e à realização profissional, ainda mais quando não existe a possibilidade de contar com um bom suporte da rede de apoio, tudo isso tendo em vista que ao gerar um filho existem implicações como limitações físicas (cansaço, fadiga, estresse), aspectos relativos ao processo de organização do tempo e flexibilização de atividades, sentimentos de tristeza e/ou impotência por precisar se ausentar da presença dos filhos.

De acordo com Fontoura (2024) Ao se voltarem os olhares para a realização profissional e produtividade e uma das consequências dessa orientação para a produção é o surgimento de frustração quando esse ideal normatizado não se realiza.

Os relatos a seguir revelam de maneira clara os desafios que as mães enfrentam em relação às suas atribuições profissionais. Trazem à reflexão questões relacionadas ao apoio, estrutura social e saúde mental.

*“Na minha vida pessoal e profissional não era o momento certo.”
(Tulipa)*

“Desde quando eu precisei voltar a trabalhar, me ausentar sempre foi muito doloroso.” (Jasmin)

Eu acho que depois que eu me tornei mãe, eu me tornei um pouquinho mais ansiosa. Principalmente estar trabalhando, né? Esse processo de ansiedade ficou bem mais forte em mim... tem dia que eu tô dando piripaque. (Orquídea)

“Esse é o meu problema, eu não tenho essa rede de apoio, atualmente, pois aqui na cidade que a gente mora, Santa Inês, é só eu e meu esposo, a minha sogra não mora tão longe, mas também não mora tão perto e aí tem a questão da volta ao trabalho. A gente fica pensando nessas coisas, mas eu creio que tudo vai se encaminhar.” (Girassol)

Pela fala de Tulipa, pode se observar um conflito. A entrevistada pode estar apontando o sentimento de que a maternidade poderia interferir em seus projetos pessoais, esse desafio se dá especialmente por conta da mudança de foco e prioridade, para algumas mulheres somam-se as pressões externas sobre a “hora certa” de ser mãe.

O depoimento de Jasmin revela a angústia em ter que se ausentar fisicamente do filho. Esta dor se apresenta através do pensamento de estar abandonando a criança, não estar presente em momentos importantes ou mesmo perder alguma etapa do desenvolvimento. Esses sentimentos podem levar à culpa ou frustração.

Orquídea expressa a experiência de tentar equilibrar os desafios da maternidade com sua atuação profissional. A expressão “tem dia que eu tô dando piripaque” revela certa exaustão ou sensação de perda de controle.

Girassol revela sua preocupação em relação a ter uma rede de apoio na cidade em que reside, para que possa retornar às suas atribuições profissionais, no entanto, apresenta esperança no ajuste das circunstâncias.

4.2.6 Multiplicidade de sentimentos na construção da maternidade

Muitos são os sentimentos presentes na construção da maternidade. Existe uma complexidade no sentir e algumas vezes até certo conflito. A experiência abaixo descrita revela uma jornada de adaptação e aceitação, marcado por um processo de luto por expectativas pessoais e profissionais, apontando para uma grande transformação.

A gestação é um momento de transição significativa, que envolve redefinição de ideias, projetos e metas e para muitas mulheres isso envolve um processo luto significativo. Assim, é importante destacar que a descoberta de uma gestação nem sempre é um momento puramente feliz, refletir sobre esses sentimentos ajuda a entender a importância do apoio emocional.

“Quando eu descobri, logo nos primeiros meses eu fiquei triste, porque apesar da minha idade ser pelos médicos a ideal para gestar e o momento certo, na minha vida pessoal e profissional não era o momento certo, aí eu passei assim até uns... acho que quando começou a mexer, as 20 semanas, ainda sem aceitar que eu estava grávida. Triste mesmo, tanto que eu evitei contar para as pessoas, eu contei só para as pessoas mais próximas, para o pai dela, aí eu fui digerindo essa notícia, como se fosse um luto, acho que foi um luto, porque aquela pessoa que eu era antes, deixou de existir, ainda na gravidez, porque você se preocupa com medicação, você se preocupa com exames, estar saudável para gerar um ser saudável, então eu fiquei bastante triste, só fui aceitar assim da metade para o final. (Tulipa)

O luto não ocorre apenas em decorrência da perda de uma pessoa por morte. Caselatto (2020) detalha os chamados lutos por perdas não legitimadas ou lutos não autorizados, que como descreve, ocorrem por um vínculo rompido, seja de ordem física, emocional ou existencial.

O luto é uma resposta a um vínculo rompido não apenas à morte de uma pessoa. Trata-se de uma resposta instintiva, revestida de aspectos e influências internalizados resultantes da aprendizagem social e do contexto cultural do indivíduo afetado. Portanto, uma reação determinada pela interinfluência dos aspectos biológicos, intrapsíquicos e sociais de cada indivíduo inserido em dado contexto histórico e social. Embora seja uma reação universal, também é singular e subjetiva. Atualmente, a narrativa e o contexto da perda são aspectos considerados extremamente relevantes para avaliar seu impacto na pessoa afetada. Isso porque se considera o processo do luto sendo experimentado de várias dimensões, inclusive o universo psicossocial do indivíduo, visto ser um

processo de ajustamento a uma nova realidade imposta pela perda que promoverá uma desorganização em consequência da quebra de um mundo previamente organizado, seguro e previsível, o mundo presumido. (Casellato, 2020, p. 25 e 26)

A mulher passa por muitas transformações ao se tornar mãe. Há uma mudança na forma como essa se vê e nessa jornada ocorre uma perda principal: a da identidade anterior à gestação. Esse momento nem sempre ocorre com tranquilidade, como explicitado no fragmento acima, é uma reação singular e subjetiva. Muitas emoções são experienciadas, receios ao se deparar com a imprevisibilidade, responsabilidades que precisam ser assumidas.

Tulipa descreve bem esse sentimento, avaliando a forma como se sentia em comparação às expectativas de outras pessoas. Detalha sua tristeza ao se ver diante do imprevisível, da nova rotina de exames, bem como das responsabilidades impostas, descreve ainda o período que necessitou para acolher e aceitar essa nova etapa em sua vida.

4.2.7 Maternidade: ajustes criativos ao fluxo da vida

Eu acho que eu nunca pensei muito sobre isso, na verdade, eu tento sempre... porque assim, minha maior rede de apoio é o meu esposo, e minha mãe, lógico, mas o meu marido também, principalmente na ansiedade é ele quem mais sofre com meu descarrego, principalmente porque ele me vê de noite, eu já passei o dia inteiro no limite e de noite é o meu momento mais complicado, geralmente eu tento ao máximo não deixar que a correria, tudo isso, afete nós dois, primeiro porque eu acho que para o meu filho crescer, ele precisa crescer em um ambiente em que os pais se amem, eu tento ao máximo demonstrar afeto na frente dele, assim, se abraçar, brincar, quando chega a noite é inegociável o horário do meu filho dormir, ele vai dormir cedo, para que a gente possa ter um tempo só nós dois, tentar ver que eu tenho outros vínculos familiares além do meu filho. Eu tentei ao máximo fazer isso: não deixar que os outros vínculos fossem se perdendo no meio de ser mãe. (Orquídea)

De acordo com Cardella (2014) ao ocorrer um contato com as circunstâncias e as necessidades que se impõem, é possível identificar o quanto a realidade é flexível e passível de transformação, desse modo, faz-se necessário transformar potencialidades em realizações a fim de tornar viável a recriação da realidade.

Diante das necessidades que se apresentam, Orquídea demonstra suas estratégias de adaptação, o que pode ser chamado de ajustamento criativo, relata que sente ansiedade e que conta com apoio de seu marido. Revela ainda a importância que atribui a um ambiente saudável para o crescimento de seu filho, considerando inegociável passar um tempo com o esposo para um constante estreitamento de laços e fortalecimento do vínculo.

Eu acho que todo mundo participa, colaboração de todo mundo, estabelecer rotina pra todo mundo e todo mundo seguir aquilo ali, quando tá tudo na linha, todo mundo tá bem. Pra dormir, pra tudo. Rotina. (Violeta)

O depoimento de Violeta demonstra um entendimento sobre a importância que ela atribui à organização e ao estabelecimento de uma rotina para o bem-estar familiar e social, bem como em ferramenta acolhimento. Agir dessa maneira, pode ter sido a melhor forma que ela encontrou para se ajustar diante das imprevisibilidades que se somam à maternidade.

Ao analisar esses relatos, é possível considerar o quanto a maternidade impõe mudanças, que envolvem transformação nos sentimentos, comportamentos e mudança de rotina, visualizar os recursos diante das imprevisibilidades torna o caminho mais tranquilo.

4.2.8 Maternidade como esperança e recomeço

“Eu tava passando por um momento muito turbulento da minha vida, eu tinha depressão, TOC, bipolaridade, inúmeras coisas e eu nunca quis ter filho, de verdade, eu não tinha interesse nenhum em ter filho. E um belo dia, em meio às minhas crises, eu pensei assim: será que se eu tiver um filho, a minha vida vai ter sentido, vai ser bom pra mim? Só que nem eu acreditei que eu queria engravidar, mas eu parei de tomar o anticoncepcional e eu

engravidei, quando eu descobri, apesar de ter parado, eu não esperava, quando eu descobri, eu fiquei sem reação, eu não sabia o que ia acontecer, o que ia ser, mas eu lembro que o sentimento que eu tive naquele momento é como se os meus problemas tivessem ido embora, como se naquele momento eu tivesse me libertado da minha depressão, da minha ansiedade, da minha insônia, é tanto que eu trabalhei a minha gestação inteira para fazer o desmame dos meus medicamentos, então o meu sentimento era esse, não tinha algo relacionado com o bebê em si, com a gravidez em si, na verdade foi um sentimento de liberdade daquilo que eu estava sentindo, inicialmente, né?”
(Jasmin)

A fala de Jasmin traz uma ideia que remete a abertura de possibilidades diante dos sofrimentos vivenciados. Ela vislumbra a maternidade como uma tentativa de romper com o ciclo de sofrimento que estava atravessando.

Esse impulso de mudança se processa especialmente na atitude de parar o anticoncepcional, como recurso imediato, ainda que relate não acreditar de maneira direta que iria engravidar, demonstra que existia certa esperança.

Ao relatar o momento da gestação, aponta para um sentimento de libertação, que poderia ser tratado como um fechamento de uma situação repleta de sofrimento e início de uma nova etapa, como um fluxo contínuo. Desse modo, o sentimento tinha uma relação direta com a chance de superar as dificuldades passadas. Uma tentativa de renovação e recomeço. O fortalecimento do ser. Nessa situação, os aspectos que mais chamam a atenção são: a percepção da situação geradora de sofrimento, a possibilidade de mudança, o apoio nos recursos e o sentimento de prosseguir em um caminho diferente.

É importante destacar que as vulnerabilidades podem retornar em algum momento àquele território, em um momento de crise semelhante, no entanto é importante assimilar o que foi aprendido em um momento anterior, olhar para os recursos psicológicos que foram utilizados e procurar um melhor ajuste no aqui-agora para seguir adiante com abertura às novas experiências. (Joyce; Stills, 2016, p.178)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada geração, há uma reconfiguração de valores e crenças. Cada mãe transmite à próxima geração características que podem se repetir ou não. Igual a uma linha que traça interliga uma trama de histórias, encontros, desencontros, aproximações e afastamentos.

A jornada da maternidade pode ser repleta de receios, angústias, luto por uma mulher que passa por um processo de metamorfose, tal qual a uma borboleta que deixa o seu casulo para se modificar, mas também demonstra a força que muitas nem supõem possuir.

Em observância à proposta desta dissertação, por meio de seus objetivos, os discursos analisados trazem diversas reflexões:

Ao verificar se existe repercussão na forma de maternar a partir da transmissão do conceito “ser mãe” entre as gerações familiares, é possível afirmar que sim. As filhas carregam marcas do que aprenderam, relatando uma certa formatação na forma de ver o mundo a partir do afeto e da educação que receberam, como Orquídea, que diz explicitamente ter uma forma de olhar para o mundo muito semelhante à de sua mãe, trazendo para a narrativa a ideia do cuidado e a responsabilidade com a formação de um novo ser como tarefa materna.

Outras mães, como o exemplo de Jasmin e Tulipa, demonstram uma reflexão sobre essas ideias e frases que escutam, revelando maior necessidade de autonomia e afastamento em relação à maneira como foram criadas.

A transmissão dos valores ocorre tanto por observação, como relata Orquídea, que desde criança vê sua mãe cuidar da casa e da família, bem como de noções acerca do que sua família possui em relação ao aspecto religioso, quanto por meio de expressões do tipo “quando você for mãe vai entender”; “você se alimentou dessa forma e não ocorreu nada”.

Algumas das ideias transmitidas evocam sentimentos como cuidado, respeito e acolhimento, outros podem gerar um certo desconforto, quando as mães se sentem invadidas por opiniões das quais não compartilham (identidade horizontal). A exemplo, a fala de Violeta: [frases do] “tipo: ‘ai, tu comeu e não morreu’, ‘por que dorme cedo?’; ‘Deixa dormir na hora que quiser’ ... essas coisas me estressam.”

O presente estudo trouxe contribuições para a compreensão da maternidade em relação a implicações profissionais; dos receios que são compartilhados em relação a presença de rede de apoio, reorganização financeira, mudanças na rotina, bem como de um ideal presumido que não é o que se apresenta na realidade.

As entrevistadas compartilharam como se sentem e os relatos apresentam convergência com o referencial teórico consultado, bem como com o estabelecimento da questão de pesquisa, já que há uma multiplicidade de sentimentos: alegria, tristeza, preocupação, angústia, cansaço, medo, dentre outros.

Dentre dessa perspectiva, uma ideia apresentada é de grande importância para a compreensão da formação da identidade materna, que é a ideia do luto pela mulher que se era anteriormente, que a partir daquele momento passa a ter uma nova rotina, novas aspirações, alterações físicas psicológicas e cognitivas, o que demonstra que maternidade não é algo instintivo, mas sim um processo que requer aprendizagem e acolhimento dos próprios sentimentos.

Considera-se, portanto, que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados. A riqueza da pesquisa qualitativa abre novas possibilidades, já que o que se escuta e a forma como se analisa, abre uma infinidade de caminhos.

Como agenda de pesquisa, sugere-se que os assuntos relativos aos valores perpassados entre gerações sejam aprofundados a partir de pesquisa com mulheres de diferentes culturas, escolaridade, níveis socioeconômicos e profissões de fé, a fim de visualizar quais as divergências – caso existam – em relação a essas mulheres, a fim de contribuir para o entendimento da forma como as mães sentem e a influência dessas memórias em sua qualidade de vida e saúde mental.

REFERÊNCIAS

AYRES, J.R.C.M. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2005, v. 10, n. 3, pp. 549-560.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

_____. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BAPTISTA, M.N; CARDOSO, H, F.; GOMES, J.O. Intergeracionalidade familiar. *In*. Baptista, M.N. TEODORO. M.L.M. (Orgs.) **Psicologia de Família**: Teoria, avaliação e intervenção. 2012.

BASTOS, A. C. *et al.* Memória autobiográfica da gravidez e do parto em mulheres brasileiras de diferentes gerações. *In*. BASTOS, A.C; PONTES, V.V. **Nascer não é igual para todas as pessoas**. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 59-77.

BELMINO, M.C. Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica. Jundiaí[SP]: Paco, 2020. *E-book*.

BENJAMIN, J. **The bonds of love**: Psychoanalysis, Feminism, and the Problem of Domincation. New York: Pantheon books New York,1988.

BORGES, A. P. V. Nasce uma mãe: um visão semiótica e sistêmica sobre a transição para a maternidade. *In*. BASTOS, A.C; PONTES, V.V. **Nascer não é igual para todas as pessoas**. Salvador: EDUFBA, 2020. pp.39-57

BOWLBY, J. **Apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 202p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da Criança**: crescimento e desenvolvimento. CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2012. 271p.

BRASIL. **Resolução n 510, de 07 de abril de 2016** – Dispões sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. 2016.

CARDELLA, B.H.P. Ajustamentos criativos e hierarquia de valores ou necessidades. *In*. FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O (org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. *Ebook*.

CASELATTO, G. Luto e identidade. *In*: Caselatto. G. (org.).**Luto por perdas não legitimadas na atualidade**. 1ed. São Paulo: Summus, 2020.

CHAPADEIRO, C.A.; ANDRADE, H.Y.S.O.; ARAÚJO, M.R.N. **A família como foco da atenção primária à saúde**. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2011.

CUNHA, A.C.B; SANTOS, C.; GONÇALVES, R.M. Concepções sobre maternidade, parto e amamentação em grupo de gestantes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 2012, v. 64, n.1, pp.139-155.

FONTOURA, C.S. **Maternidade interrompida?** Luto e sentido da vida de mães em face da morte de filhos adolescentes por meio de suicídio. Curitiba: CRV, 2024. 162p.

FORNASIER, R.C. **Memória e família na Sociologia de Pierpalo Donati e na Antropologia de Francesco Botturi**. Memoradum. Belo Horizonte: UFMG, v. 35. p. 100-114, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6889>

FISCHER, L.R. Mothers and mothers-in-Law. **Journal of Marriage and Family**, v. 45. p. 187-192. Disponível em <https://doi.org/10.2307/351307>. Acesso em 5 fev. 2024.

GINGER, S; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte 1.15a. Edição. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt**. Aconselhamento e Psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 2016.

KAST, V. **O caminho para si mesmo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

MARTORELL, G. **O desenvolvimento da criança: do nascimento à adolescência**. Porto Alegre: AMGH, 2014. 400p.

MINAYO, M.C. S. Hermenêutica dialética como caminho do pensamento social próprio. In: MINAYO, M.C.de S.; DESLANDES, S. F. (Org.). **Caminhos do pensamento. Epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. pp. 83-107.

MINAYO, M.C.S; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2015. 108 p.

MUTTI, V. A dor do parto: posicionamentos e significados. In. BASTOS, A.C; PONTES, V.V. (orgs.) **Nascer não é igual para todas as pessoas**. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 59-77.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *Ebook*

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. v.6. São Paulo: Paulus, 2006.

RIBEIRO, J.P. **Gestalt-terapia: Refazendo um caminho**. 6.ed. São Paulo, SP. Summus Editorial, 2012. 208p.

RIBEIRO, J.P. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 2.ed. São Paulo, SP. Summus Editorial, 1997.

ROCHA, C. N. da; LINARES, I. M. P. .; WEISS, J. V. P. Entendimento da perinatalidade a partir do modelo de seleção por consequências. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], p. 003–018, 2023. DOI: 10.18761/PACasdj44a6. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/945>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SERRES, M. **Filosofia Mestiça**. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

SOLOMON, A. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. *Ebook*.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, pp. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 6 fev. 2024.

VITALI, I. (2004). **Como nossos pais?** A transmissão intergeracional dos estilos parentais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

WEBER, L.N.D; *et al.* Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paideia**, SP, v. 16, n.35, p. 407-414. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/XpSdzwfHmCmTVKtK6pFGxDB/abstract/?lang=pt#ModalDownloads>

ZINKER, J.C. **A busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: O CONCEITO DE MATERNIDADE ENTRE AS GERAÇÕES FAMILIARES

Você está sendo convidada a participar como voluntária na pesquisa O CONCEITO DE MATERNIDADE ENTRE AS GERAÇÕES FAMILIARES que será desenvolvida pela pesquisadora Daphine Rolim Veloso, mestranda no Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, sob orientação da professora doutora Ana Maria Fernandes Pitta. O objetivo desse estudo é compreender se há relação entre a construção intergeracional do conceito de ser mãe e a forma de maternar.

A coleta de dados será realizada de forma presencial em data e horário combinados previamente. Seu sigilo e a sua privacidade serão garantidos. Se você não se sentir à vontade com a pesquisa pode desistir à qualquer momento, sem danos a você. Esse estudo seguirá as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução 510/16), do Conselho Nacional de Saúde.

Se você se sentir desconfortável em falar temas particulares e por conta da entrevista ser gravada com som e vídeo, você poderá ser encaminhada a receber suporte psicológico, sem ônus, com atendimento agendado de acordo com a disponibilidade de ambas. Se for necessário.

A pesquisa terá como benefício contribuir com visão que se tem acerca da maternidade, relações familiares e intergeracionais, bem como com a importância de um olhar direcionado à saúde mental materna.

Sua identificação será mantida em sigilo. Os dados coletados poderão ser utilizados em até cinco anos, após esse período serão descartados. Informa-se a ausência de custos por sua participação, direito ao ressarcimento de despesas, caso existam, e indenização nos casos previstos em Lei. Se quiser ter acesso aos dados, poderá entrar em contato com a pesquisadora Daphine Rolim Veloso, através do e-mail e telefone disponibilizados a seguir: daphinerolim@gmail.com/ 98 99753967.

Este documento será impresso e assinado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora e outra com a senhora.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e também contribuir no desenvolvimento de pesquisas atendendo a padrões éticos. Caso queira algum esclarecimento ético ou em caso de dúvidas procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador, Avenida Prof. Pinto de Aguiar, nº 2589, Pituacu na Universidade Católica do Salvador Localizado no Prédio C da Pós-Graduação térreo. Tel.: 7132067830. E-mail cep@ucsal.br.

Eu, _____, RG _____, concordo em participar da pesquisa O CONCEITO DE MATERNIDADE ENTRE AS GERAÇÕES FAMILIARES

Santa Inês – MA ____/____/____.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Idade
2. Etnia
3. Religião,
4. Quantidade de familiares na residência

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. O que significa ser mãe para você?
2. Como você se sentiu quando descobriu a gestação?
3. Como a notícia de sua gestação foi recebida por seus familiares?
4. Existem pessoas na sua família as quais você se sente à vontade para contar sobre assuntos relativos à maternidade?
5. Quem são essas pessoas?
6. Você possui rede de apoio?
7. *Existem comentários de familiares que trazem impacto na forma como você se percebe sendo mãe?
8. Quais os sentimentos mais comuns durante o processo de se tornar mãe?
9. O que você considera que é ser mãe para seus familiares (a exemplo, mãe, tias, avós)?
10. Quais falas você lembra que sua mãe comentava sobre o processo de maternidade?

ANEXO

ANEXO A – PARECER DO CEP

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa:O conceito de maternidade entre as gerações familiares

Pesquisador:DAPHINE ROLIM VELOSO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79304424.3.0000.5628

Instituição Proponente:ASSOCIACAO UNIVERSITARIA E CULTURAL DA BAHIA

Patrocinador Principal:Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer:6.841.051

Apresentação do Projeto:

Os acontecimentos relativos à perinatalidade ocorrem em diversos níveis. Ao retomar o percurso de construção das significações de maternidade, é possível relacionar com o processo geracional, a saber, como esses conceitos são fruto da época em que se constroem e a como são transmitidos intergeracionalmente. Participarão do estudo dez mulheres, convidadas a partir da estratégia de bola de neve, que sejam mães com apenas um filho de até dois anos de idade, residentes na cidade de Santa Inês no Estado do Maranhão. Os instrumentos da pesquisa serão um roteiro de entrevista semiestruturado, composto por dados sociodemográficos e questões relativas à identidade materna e às influências familiares e socioculturais, bem como a apresentação de quatro imagens de obras de arte com a temática da maternidade. A análise dos dados ocorrerá por meio do Método Interpretação de Sentidos e seguirá os seguintes passos: (a) observação do conjunto dos dados e apreensão das particularidades, (b) identificação dos sentidos atribuídos ao conceito de maternidade e relações familiares e (c) elaboração de síntese interpretativa, com fim de articular objetivos do estudo e marco teórico-conceitual.

Informações transcritas do arquivo Informações Básicas do Projeto submetido em 25/04/2024 às 11:11:56 e do Projeto submetido em 19/04/2024 às 06:54:11

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador.Campus Pituaçu,Comitê de Ética,Prédio
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 6.841.051

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar se existe repercussão na forma de maternar a partir da transmissão do conceito "ser mãe" entre as gerações familiares.

Objetivos Secundários:

- (1) Identificar as percepções e sentimentos do ser mãe.
- (2) Analisar como se dá a transmissão de valores geracionais.
- (3) Verificar se existem e quais as crenças estilos parentais relativos ao processo de maternidade que foram transmitidos entre as gerações.
- (4) Avaliar se as crenças trazem benefícios e/ ou sofrimento ao processo de ser mãe.

Informações transcritas do arquivo Informações Básicas do Projeto submetido em 25/04/2024 às 11:11:56

Avaliação dos Riscos e Benefícios: Riscos: Considera-se um risco o fato de que a mulher entre em contato com lembranças que de alguma forma não acesse com frequência, isso pode trazer à tona sentimentos como tristeza. Se for o caso e a participante desejar, pode-se interromper a participação dessa mulher e, se necessário, será encaminhada para suporte psicológico com a psicóloga colaboradora da pesquisa.

Benefícios: Diante dos questionamentos feitos na entrevista e o contato com as imagens, a participante pode perceber e conhecer algumas questões familiares e também suas que podem levá-la a um momento de reflexão, o que pode fazer com que amplie sua compreensão sobre alguns aspectos relativos a apoio, suporte, saúde e maternagem. Esse estudo pode, ainda, contribuir com visão que se tem acerca da maternidade, relações familiares e intergeracionais, bem como com a importância de um olhar direcionado à saúde mental materna.

Informações transcritas do arquivo Informações Básicas do Projeto submetido em 25/04/2024 às 11:11:56 e do Projeto submetido em 19/04/2024 às 06:54:11

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador. Campus Pituaçu, Comitê de Ética, Prédio
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 6.841.051

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide seção "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

Folha de rosto

Projeto completo

Termo de Confidencialidade

Termo de compromisso para suporte psicológico

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendência 1: Apesar de ter sido informado adequadamente no TCLE sobre a ausência de compensação financeira condicionada à participação na pesquisa, faltaram informações sobre: (a) a ausência de custos às participantes ou os direitos de ressarcimento e (b) o direito à indenização nos casos previstos em Lei. Solicita-se que as informações sejam acrescentadas no TCLE.

Resposta da pesquisadora: "As informações foram acrescentadas da seguinte maneira no TCLE (redação que foi acrescida ao Termo): a ausência de custos por sua participação, direito ao ressarcimento de despesas, caso existem, e indenização nos casos previstos em Lei".

Análise do CEP: Pendência solucionada.

Pendência 2: Retirar o registro do CPF da participante no TCLE.

Resposta da pesquisadora: Ajuste realizado.

Análise do CEP: Pendência solucionada.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado acata o parecer Ad-Referendum do relator e alerta que cabe ao pesquisador

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador.Campus Pituauçu, Comitê de Ética, Prédio
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 6.841.051

responsável encaminhar os relatórios parciais e o relatório final da pesquisa por meio da Plataforma Brasil para que sejam apreciados pelo CEP, em conformidade com a Norma Operacional nº 01/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2328012.pdf	19/05/2024 12:27:49		Aceito
Outros Termos de TCLE /	carta_resposta.pdf TCLE1.docx	19/05/2024 12:27:13	DAPHINE ROLIM VELOSO	Aceito
Assentimento / Justificativa de Ausência Projeto Detalhado /		19/05/2024 12:16:49	DAPHINE ROLIM VELOSO	Aceito
Brochura Investigador Folha de Rosto	projeto.docx	19/05/2024 12:16:29	DAPHINE ROLIM VELOSO DAPHINE ROLIM VELOSO	Aceito
Outros Declaração de concordância	rostro.pdf termo.pdf anuencia.pdf	25/04/2024 11:11:15	VELOSO DAPHINE ROLIM VELOSO	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	25/04/2024 06:50:14	DAPHINE ROLIM VELOSO	Aceito
		19/04/2024 06:52:34	DAPHINE ROLIM VELOSO	Aceito
		19/04/2024 06:52:02		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 22 de Maio de 2024

Assinado por:

**João Marcos de Oliveira Cavalcanti
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 Universidade Católica do Salvador. Campus Pituauçu, Comitê de Ética, Prédio
Bairro: PITUAÇU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3206-7830 **E-mail:** cep@ucsal.br